



Resenha *MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE* – Ano 20 – nº 80 – setembro 2010

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – www.csem.org.br

Xenofobia: a nova face da exclusão

| | |
|---|-----------|
| EDITORIAL | 2 |
| ITALIANO | 3 |
| "Accanimento senza precedenti contro gli immigrati" | 3 |
| Razzismo. I francesi lo accettano... basta che non tocchi il proprio piccolo giardino | 4 |
| Addio ai diritti | 5 |
| Adozioni internazionali. Vietate le scelte "razziste" | 6 |
| Germania: il 10-15% degli immigrati non vuole integrarsi | 6 |
| l'ultima della Lega ad Arezzo | 7 |
| Le lecite paure | 7 |
| Razzismo, il 45% dei giovani chiuso agli stranieri o xenofobo | 8 |
| PORTUGUÊS | 9 |
| Entidades condenam política racista do governo francês contra imigrantes | 9 |
| Cinco países da UE expulsaram ciganos romenos | 10 |
| PF investiga crime de incitar ódio contra nordestinos na web | 11 |
| O Estrangeiro | 13 |
| ONU alerta sobre ataques xenófobos contra somalis refugiados | 13 |
| Parlamento francês aprova definitivamente lei que proíbe véu integral | 14 |
| Portugal sofre de "ciganofobia", mais de 80% da população tem atitudes xenófobas contra ciganos | 15 |
| ENGLISH | 15 |
| France deports more Roma in defiance of international criticism | 15 |
| Germany must take a close look at racism in the country | 16 |
| New Dissent in Japan Is Loudly Anti-Foreign | 17 |
| Viewpoint: Religious freedom is not tolerance | 19 |
| Xenophobia illogical in Canada | 21 |
| Xenophobia still exists in the US | 22 |
| European Commission Warns France About Treatment of Migrants | 22 |
| ESPAÑOL | 24 |
| Fútbol y xenofobia | 24 |
| ¿Xenofobia en todas partes? | 24 |
| El pastor antiislámico se reafirma en la quema de coranes pese a la presión internacional ... | 25 |
| "Xenofobia llega a punto de ebullición" | 27 |
| El chivo expiatorio | 28 |
| "Los partidos no deben caer en la trampa del populismo xenófobo" | 30 |
| Xenofobia contra centroamericanos | 30 |

EDITORIAL

Xenofobia e Discriminação: curvas ascendentes num mundo cada vez mais plano

Os seres humanos são, por natureza, diferentes e se distinguem uns dos outros das mais diversas formas, seja pela cor da pele, seja pelo idioma e país de procedência. No entanto, tais diferenças não justificam a exclusão e a violação de direitos, uma vez que a condição humana se sobressai em meio às diversidades biológicas e culturais, e traz consigo o direito de ter direitos. Nesse sentido, o ato de discriminar, ou seja, fazer distinção com base em critérios injustificados, tais como raça, sexo, opção religiosa e nacionalidade a fim de prejudicar determinado grupo, remete a uma violação dos direitos das pessoas.

A xenofobia, em sentido amplo, se refere ao medo ou aversão que o ser humano tem ao que é diferente e, dessa forma, chega a ser considerada como sendo uma doença que requer tratamento específico. Contudo, o termo xenofobia é geralmente associado à rejeição com relação a pessoas, cuja fisionomia social, política e cultural é diferente e, é considerado, portanto, como sendo a rejeição contra estrangeiros.

A aversão aos estrangeiros não é uma característica específica da sociedade contemporânea. No entanto, na atualidade, o fenômeno da globalização, aliado à revolução tecnológica dos meios de transporte e comunicação, implica numa aceleração dos fluxos transnacionais, tanto de origem financeira e comercial quanto social e cultural. Neste contexto, a intensificação dos fluxos migratórios traz consigo novos desafios no que se refere ao trato de estrangeiros em território nacional. A globalização é, nesse sentido, caracterizada por condições contraditórias, uma vez que ao mesmo tempo em que configura um mundo cada vez mais aberto, também confina e restringe. O aumento da mobilidade coexiste, portanto, com problemas de integração e convivência entre povos diferentes. Dessa forma, há um aumento de casos de discriminação e xenofobia, cujas causas se relacionam a dinâmicas sociais e políticas, o que contribui para a complexidade do problema e das formas de combatê-lo.

A fim de analisar o progresso da globalização, com particular ênfase no século XXI, o autor Thomas Friedman argumenta a favor de uma mudança na percepção que as pessoas tinham do mundo, antes redondo e agora plano. O mundo seria plano, no sentido em que os campos de competição entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento estão a ficar nivelados, o que contribui para que as divisões históricas, regionais e geográficas sejam cada vez menos relevantes. No entanto, num mundo cada vez mais globalizado e integrado, casos de discriminação e xenofobia, atrelados às dinâmicas políticas internas dos diferentes Estados, se apresentam de forma crescente. Dessa forma, os fenômenos de discriminação e xenofobia representam curvas ascendentes num mundo cada vez mais plano.

A temática da xenofobia se relaciona ao fenômeno da mobilidade humana de forma sutil, tais quais as deliberações políticas adotadas na França – em relação à proibição do uso da burca em locais públicos – onde se percebe a utilização do discurso político para “camuflar” as intencionalidades de diminuir o fluxo migratório de muçulmanos para aquele país. Por outro lado, as políticas de incentivo ao retorno “voluntário” de ciganos em variados países da União Européia e os diversos casos de expulsão propriamente ditas, elucidam medidas diretas de combate aos inúmeros migrantes que ali se instalam. Ainda nesse continente, na Alemanha, os recentes acontecimentos chamam a atenção para a discriminação que acontece cotidianamente no país, que implica em exclusão social dos migrantes, por exemplo, na área da educação ou no mercado de trabalho.

Na América do Norte, as manifestações discriminatórias se expressam tanto nos EUA quanto no Canadá e no México. No primeiro, a aversão aos islâmicos ganhou maior visibilidade devido a aproximação do aniversário dos ataques terroristas de 11 de Setembro, com ações diretamente contrárias às manifestações culturais e religiosas islâmicas no país. É importante perceber que tais acontecimentos tendem a reforçar o estigma que conecta os muçulmanos à imagem de terroristas e que tende rejeitar a identificação de imigrantes árabes como cidadãos americanos. Outra medida que

se destaca é a polêmica lei do Arizona, a qual criminaliza os migrantes indocumentados, visando dificultar a entrada e permanência de imigrantes latinos no estado americano. No Canadá as manifestações se caracterizam especialmente contra os refugiados africanos, enquanto que no México permanece a situação contraditória na qual um país emissor de emigrantes assume uma postura xenófoba em relação aos imigrantes que nele adentram.

O que está por trás de todos esses exemplos de xenofobia é o discurso de que os imigrantes irão “tomar” o que é direito dos nacionais. Sendo este, muitas vezes, incorporado por partidos políticos de extrema-direita para justificar a situação de vulnerabilidade econômica e social em seus países, o que acaba influenciando idéias e comportamentos no sentido da intolerância.

Sintomática e, ao mesmo tempo, paradoxal é a situação da África do Sul: neste país, que sofreu por muitos anos a violência da *apartheid* racial, há uma linha muito tênue entre nacionalismo e xenofobia; além disso, é possível perceber que xenofobia e racismo muitas vezes caminham de mãos dadas.

Percebe-se ainda que a tecnologia vem sendo utilizada como um canal de disseminação de idéias xenófobas, como é o exemplo da *Internet*. Através das redes sociais (*Orkut*, *facebook* e *twitter*) comunidades de pessoas se formam em um ambiente virtual com o intuito de debater e comentar a questão da migração, o que cria a possibilidade de articular ações contra estrangeiros de forma *on line* – como em casos relatados no Brasil e no Japão. Tal instrumento permite que ideias de aversão ao estrangeiro sejam propagadas rapidamente e com grande alcance.

Em suma, a xenofobia e a discriminação aos migrantes são temáticas que continuam acompanhando a sociedade globalizada. O fenômeno está presente em diversos países e em todos os continentes do mundo. Tamanha magnitude incita inúmeras reflexões acerca da compreensão do “eu” (nacional) e do “outro” (estrangeiro) e como se estabelece o relacionamento entre essas duas partes em um fenômeno tão atual, que é a migração.

ITALIANO

"Accanimento senza precedenti contro gli immigrati"

Dura denuncia dei missionari: "In nome della sicurezza, immigrati e rom diventano naturalmente criminali"

Roma – 20 luglio 2010 - “Oggi la forma di povertà più vistosa e drammatica in Italia è quella degli immigrati e dei rom. In nome di una fantomatica “sicurezza sociale” si sta costruendo, soprattutto nel nostro paese, la fabbrica della paura verso tutto ciò che può ledere la tranquillità del cittadino. Per questa prospettiva inquietante l’incriminato di dovere è l’immigrato ed è il rom, considerati quasi naturalmente soggetti di reato”.

Con queste lapidarie parole Raffaele Nogaro, vescovo emerito di Caserta, apre la ricerca “Non possiamo tacere. I missionari/e e immigrati”, pubblicato pochi giorni fa dalla Commissione giustizia, pace e integrità del creato della Conferenza degli istituti missionari italiani (Cimi).

Il documento-denuncia traccia le linee guida per interpretare la moderna situazione di mobilità sociale, in cui oltre 240 milioni di persone nel mondo sono emigranti e dove ci sono 740milioni di sfollati,ciò significa che una persona su sette è un

emigrante. In particolare si analizza la situazione della “fortezza europea assediata” da anni dai vari flussi migratori, specialmente delle popolazioni africane, alle quali l’Europa ha risposto con diffidenza e problematicità.

La ricerca passa poi ad analizzare con attenzione la situazione italiana, prendendo prima in esame l’aspetto giuridico, dalla legge Turco-Napolitano che ha creato i Centri di permanenza temporanea (Cpt), definiti “veri e propri lager”, sino alla discussa Bossi-Fini che ha subordinato il rilascio del permesso di soggiorno al possesso di un contratto di lavoro. Queste sono le premesse, sottolineano dal Cimi, che hanno condotto nel 2009 all’approvazione del Pacchetto sicurezza che, con l’introduzione nell’ordinamento italiano dell’aggravante della pena per clandestinità, arriva a criminalizzare un immigrato privo di permesso di soggiorno.

Dalle incongruenze legislative, definite “cattiverie fatte legge”, la ricerca passa a d analizzare il clima

di xenofobia e sfruttamento del lavoro degli immigrati in Italia, passando in rassegna tutte le delicate situazioni sociali in cui versano gli immigrati stranieri che lavorano in Italia, dallo sfruttamento nell'edilizia nel Nord Italia, passando per l'agricoltura nel Meridione, sino alla "violazione del diritto internazionale di asilo politico" che avviene costantemente con i respingimenti e gli accordi stipulati tra i governi di Italia e Libia.

"Stiamo assistendo a una massiccia e crescente violazione dei diritti umani nei loro confronti. Noi missionari che siamo stati a lungo ospiti dei popoli

africani, sudamericani, asiatici assistiamo ora in patria ad un accanimento senza precedenti nei confronti degli immigrati in mezzo a noi. E questo avviene nell'indifferenza da parte dei cittadini italiani, immemori di quanto i nostri migranti avevano sofferto. Non stiamo forse ripetendo sugli immigrati in mezzo a noi quello che i nostri nonni hanno subito quando anche loro emigravano?". (Marco Iorio)

Fonte: <http://www.stranieriinitalia.it/attualita-accanimento-senza-precedenti-contro-gli-immigrati-11333.html> - 20.07.10

Razzismo. I francesi lo accettano... basta che non tocchi il proprio piccolo giardino

La "Commission nationale consultative des droits de l'Homme" (CNCDH) ha divulgato lunedì 1 giugno il proprio rapporto annuale. Razzismo, antisemitismo, xenofobia: un punto sulla situazione con un'intervista a Marc Leyenberger, avvocato che ha stilato questo rapporto

D. Il rapporto evidenzia un notevole aumento delle violenze e minacce razziste e xenofobe, nonché un forte aumento di violenze e minacce antisemite. La situazione si è particolarmente aggravata per il solo anno 2009?

R. Le cifre sono decisamente eloquenti. Si tratta di 1.026 episodi razzisti e xenofobi che abbiamo rilevato nel 2009, rispetto a 467 del 2008 e 321 del 2007. Altro motivo di preoccupazione è che si tratti di episodi sempre più violenti (aggressioni con ferite, gravi danni a edifici religiosi...). Sono 200 quelli individuati così nel 2009 rispetto ai 97 del 2008.

Per quanto riguarda le violenze e minacce antisemite, nel 2009 ne sono state individuate 815 rispetto alle 459 dell'anno precedente.

È bene precisare che si tratti di fatti registrati dal ministero dell'Interno o da quello della Giustizia dopo che gli stessi sono accaduti. Se si considera che tutte le vittime non hanno sporto querela, e che sono sempre di meno quelle che intendono farlo così come ci dicono le specifiche associazioni, va da sé che gli episodi di questo tipo sono molto più numerosi.

D. Come spiegare questa recrudescenza dopo che nell'ultima decina d'anni c'era una tendenza al ribasso?

R. Il 1999 e il 2000 sono stati la cresta dell'onda con degli strascichi nel 2001, 2002 e 2003. Ma dopo un picco nel 2005 sicuramente legato agli avvenimenti del medio-Oriente, gli episodi di antisemitismo sono stati costantemente in calo. Per risvegliarsi, all'inizio del 2009, in seguito ai tragici avvenimenti dell'offensiva israeliana nella striscia di Gaza a gennaio 2009. Automaticamente si è registrato un aumento della violenza in Francia.

Così come rischiamo di avere con l'attacco di lunedì scorso alla flottiglia nelle acque internazionali.

Ma questa tendenza all'aumento nel 2009 non è esclusivamente legata a Gaza. Si mantiene, infatti, pressoché simile durante tutto l'anno. Altra spiegazione può essere ricercata nella situazione economica. In una condizione di precarietà, una parte della popolazione tende a cercare, come capro espiatorio, di difendersi dall'incertezza proteggendosi dall'"altro".

D. Quali sono le etnie più coinvolte?

R. Se parliamo di razzismo, sono ancora e sempre i maghrebini. Con differenze rispetto alle regioni: Ile-de-France, Rhone-Alpes e Alsace sono le più razziste. Nel contempo in Europa (dove le violenze sono minori che in Francia) le prime vittime sono spesso i rom, soprattutto in Romania, Bulgaria e Italia.

D. Quando si fanno indagini simili sui francesi, questi si dicono più tolleranti rispetto a quanto non lo siano. Come interpretare questa differenza?

R. È un paradosso. Secondo i sondaggi che abbiamo realizzato sui comportamenti razzisti, xenofobi e antisemitici, il 54% si dichiara "non del tutto razzista". Solo tre anni fa, uno su tre si dichiarava razzista. Oggi i francesi non considerano più gli ebrei e gli omosessuali come "gruppi a parte". È il risultato delle campagne di sensibilizzazione pubblica, essenzialmente nelle scuole.

Nel contempo, l'84% ritiene che attualmente il razzismo è un "fenomeno diffuso", evidenziando una differenza tra visione oggettiva e soggettiva del razzismo, tra come è percepito e ciò che realmente accade. Se si va a guardare il dettaglio

delle risposte si nota che, quando si tratta di questioni personali si continua a respingere l'"altro". Siamo nel fenomeno "basta che non tocchi il proprio piccolo giardino".

D. Che fare?

R. Bisogna tenere alta la guardia e non concedere nulla. L'attuale grande pericolo è la banalizzazione. Oggi non si considera molto grave dire una cosa sugli ebrei, un'altra sugli arabi, sentire frasi come "sporco ebreo" in un'aula scolastica. Anche nei discorsi politici, dove alcune affermazioni e commenti considerati inaccettabili sono invece

Addio ai diritti

di Roberto Ferrucci

Qui in Francia, dove mi trovo per motivi di lavoro (lavoro culturale, quello che da noi ormai o non esiste più o, quando c'è, è in forma di volontariato), il dibattito sulla linea dura contro i rom decisa da Sarkozy, è accesissimo. Un giro di vite che in Italia i nostri governanti hanno usato come se fosse un assist servito su un piatto d'argento. Il governatore del Veneto, Luca Zaia e il ministro dell'interno Maroni, non hanno perso un minuto per agganciarsi al traino d'Oltralpe e rincarare la dose. Come se da Sarkozy fosse arrivato un attestato di garanzia alle politiche di un partito, la Lega, che qui ogni giornale, di destra o di sinistra che sia, definisce xenofobo e populista. Infatti, per completezza e onestà sia di cronaca che intellettuale, bisognerebbe aggiungere che la linea securitaria intrapresa da Sarkozy si sta trasformando in un boomerang. Intanto è stata subito smascherata per quel che è: il maldestro tentativo di distogliere l'attenzione dall'affaire Woerth, ministro del governo di destra in carica, implicato in una vicenda di frode fiscale e di finanziamento illecito all'Ump, il partito di Sarkozy. Una vicenda da niente se comparata a tutto quello che sta accadendo in Italia, ma che ha messo in crisi sia il governo Fillon che il presidente stesso.

E allora ecco il tentativo di giocare il solito jolly: la sicurezza, come nel 2007. Una carta che allora gli fece vincere le elezioni, ma che adesso ha invece affossato ancor di più la credibilità di Sarkozy. I francesi lo hanno capito in fretta. Qui il populismo ha sì sedotto, ma non si è radicato affatto. I diritti civili per la Repubblica francese sono irrinunciabili e intoccabili. E oggi Sarkozy ne paga le

conseguenze. Noi continuiamo a fare appello perché continuiamo le iniziative di sensibilizzazione e soprattutto grazie a scelte politiche precise e durevoli nel tempo. Non si può continuare ad attendere i picchi di violenza e reagire solo dopo.

(domande di Cordelia Bonal per il quotidiano Liberation del 2 giugno 2010)

Fonte:

http://immigrazione.aduc.it/articolo/razzismo+francesi+accettano+basta+che+non+tocchi_17639.php – 02.06.10

conseguenze. Non c'è organo di stampa che non critichi la sua scelta di espulsione dei rom o la sua linea dura riguardo le banlieue. Non solo. Anche la sua parte politica lo sta criticando ferocemente. Rachida Dati ha detto che bisogna smetterla di mettere i francesi gli uni contro gli altri, e Dominique de Villepin ha rincarato dicendo che da oggi la Francia ha una «macchia di vergogna sulla sua bandiera». Non bastavano dunque i sondaggi a precipizio, per Sarkozy. E l'Italia? E gli italiani?

Da noi il populismo non solo ci ha sedotti, ma si è incistato fino al midollo. Abbiamo ormai la netta convinzione - sbagliata - che i diritti civili riguardino solo alcuni, cioè noi. Prima i veneti, o prima i nostri, non fa che ripetere il governatore Zaia. Qui in Francia nessuno si sogna di dire prima gli acquitani o i provenzali, o gli alsaziani. Qui, ancora e nonostante tutto, viene prima l'essere umano, non il suo passaporto (a proposito, che passaporto abbiamo noi veneti? Forse un giorno ne avremo uno speciale?). Insomma la riflessione va fatta alla radice, alla base, e cioè su noi stessi. Domanda: perché mai, mentre altrove è la gente a indignarsi per le scelte xenofobe dei propri governanti, in Italia, e nel Veneto in particolare, nella medesima situazione, osanniamo chi usa linguaggio e maniere forti? Sono segni evidenti di degrado civile e culturale. Segni preoccupanti, oltre che vergognosi.

Fonte:

<http://corrieredelveneto.corriere.it/veneto/notizie/politica/2010/25-agosto-2010/addio-diritti-1703635354053.shtml?fr=correlati> 25.08.10

Adozioni internazionali. Vietate le scelte "razziste"

I genitori non possono mettere vincoli sull'etnia del minore. Sentenza della Cassazione

Roma – 1 giugno 2010 - Chi vuole adottare un bambino non deve fare scelte razziste, fissando requisiti etnici o legati al colore della pelle. Se lo fa, non è adatto a fare il genitore.

Lo hanno stabilito le sezioni unite civili della Cassazione (sentenza 13332), accogliendo il ricorso della Procura generale. Una decisione sollecitata dall'Associazione amici dei bambini (Ai.Bi.), dopo che a Catania il Tribunale dei minori aveva accolto la richiesta di adozione di una coppia con il vincolo che non avrebbe accettato bambini di colore.

“Il decreto di idoneità all'adozione pronunciato dal Tribunale per i minorenni non può essere emesso sulla base di riferimenti alla etnia dei minori adottandi, nè può contenere indicazioni relative a tale etnia” scrivono i supremi giudici presieduti dal primo presidente Vincenzo Carbone. E se “tali discriminazioni siano espresse dalla coppia di richiedenti, esse vanno apprezzate dal giudice di merito nel quadro della valutazione della idoneità degli stessi alla adozione internazionale”.

Secondo la Cassazione, “il bisogno di genitorialità” deve coniugarsi con “l'accettazione della identità e

della diversità del minore”, e chi sceglie in base al colore della pelle rivela “carenze nella capacità di accoglienza e inadeguatezza” al percorso di integrazione del minore straniero. Il tribunale dei minori, quindi, oltre ad “escludere la legittimità delle limitazioni” indicate dai genitori, “dovrà porsi anche il problema della compatibilità della relativa indicazione con la configurabilità di una generale idoneità all'adozione”.

Un “ruolo fondamentale” per “prevenire opzioni di impronta discriminatoria” lo giocano i servizi sociali ed enti che si occupano di adozioni. Devono infatti fornire, si legge ancora nella sentenza, un “sostegno psicologico che favorisca il superamento delle difficoltà cui gli aspiranti all'adozione vanno incontro vuoi per l'impreparazione all'accoglienza di un bimbo che non sia a propria immagine, vuoi per il timore di fenomeni di xenofobia che esponano a rischio l'integrazione del minore nell'ambiente sociale e creino in lui problemi di disadattamento”.

Fonte: <http://www.stranieriinitalia.it/attualita-adozioni-internazionali-vietate-le-scelte-razziste-11050.html> - 01.06.10

Germania: il 10-15% degli immigrati non vuole integrarsi

Il ministro dell'Interno De Maiziere denuncia: "1,1 milioni di immigrati in Germania non parlano tedesco"

Roma, 9 settembre 2010 - Il 10-15% degli stranieri che vivono in Germania non ha alcuna intenzione di integrarsi nella società tedesca. Questa è la stima illustrata dal ministro dell'Interno, Thomas de Maiziere, che ieri ha fatto il punto sul piano per l'integrazione preparato dal governo Merkel.

Tornando sull'argomento xenofobia in Germania, sollevato dalle polemiche degli ultimi giorni dal consigliere della Bundesbank Thilo Sarrazin, il ministro De Maiziere ha ricordato che il dibattito sull'immigrazione in Germania dovrebbe essere “oggettivo, corretto e corrispondente alla realtà”. La realtà, prosegue il ministro, “Indica che una grossa fetta della comunità di immigrati, almeno 1 su 10, rifiuta di integrarsi” un dato che sembra destinato ad alimentare la polemica sollevata proprio da Sarrazin.

Tuttavia, secondo il ministro dell'Interno, se confrontata con le statistiche internazionali, questa percentuale “non è così cattiva”. Per il governo, sulla strada di una migliore integrazione, c'è il passaggio obbligato della conoscenza della lingua ma “1,1 milioni di immigrati in Germania” ha denunciato De Maiziere “non parlano il tedesco.”

Secondo i dati Eurostat relativi al 2009, in Europa sono 39 milioni gli immigrati di cui la metà sono extra Ue e la Germania rappresenta il paese dell'Unione Europea con il più alto numero di immigrati: 7,2 milioni pari all'8,8%, mentre in Italia i dati sono di poco superiori alla media: 6,5 milioni.

Fonte: <http://www.stranieriinitalia.it/attualita-germania-il-10-15-degli-immigrati-non-vuole-integrarsi-11598.html> - 09.09.10

Il sapone anti-immigrati. L'ultima della Lega ad Arezzo

I militanti del carroccio lo distribuiscono nei mercati di sansepolcro e di altri paesi della provincia

L'idv chiede l'intervento di maroni: "e' vergognoso. Una vera e propria istigazione all'odio razziale"

AREZZO - Sapone per lavarsi le mani dopo aver toccato un immigrato. Lo distribuiscono militanti della Lega Nord a Sansepolcro e in altri paesi della provincia di Arezzo. Un'iniziativa che ha indotto il portavoce dell'Italia dei Valori, Leoluca Orlando, a chiedere l'intervento del ministro dell'Interno Roberto Maroni.

"La lega si conferma razzista e xenofoba. Distribuisce sapone anti-immigrati per lavarsi dopo aver toccato gli extracomunitari - ha affermato Orlando in una nota - E' vergognoso tutto ciò. E' una vera e propria istigazione alla violenza. Noi dell'Italia dei Valori chiediamo l'intervento del ministro Maroni, perché qui si tratta di una vera e propria istigazione all'odio razziale". E ancora: "Suggeriamo a Bossi, dato che oggi salirà sul palco di San Giovanni, a Roma, di distribuire ai suoi alleati il sapone perché tutto hanno tranne che le mani pulite".

L'ennesima manifestazione di intolleranza degli attivisti del Carroccio è stata definita "gravissima" da Alfio Nicotra, capogruppo alla Provincia di Arezzo della Federazione della Sinistra e componente della direzione nazionale di Rifondazione comunista. "I militanti della Lega Nord

distribuiscono nei mercati delle bustine contenenti sapone liquido con l'avvertenza di usarlo dopo aver toccato un immigrato - ha detto l'esponente del Prc - Il messaggio che si veicola è devastante : ovvero che esseri umani solo perché stranieri sono considerati alla stregua di 'untori' e portatori di malattie e disgrazie". "Non avendo alcuna proposta politica per combattere la crisi che colpisce anche le nostre zone e di cui il governo Berlusconi, di cui sono componente portante, è responsabile, i dirigenti leghisti preferiscono distrarre l'opinione pubblica - ha aggiunto Nicotra - con iniziative disgustose e che devono essere condannate senza se e senza ma da tutte le forze politiche. Monica Faenzi la candidata del centrodestra che si è apparentata con la Lega Nord non ha niente da dire in proposito? Il ministro dell'Interno Maroni che deve applicare la legge che vieta l'apologia e la diffusione del razzismo cosa aspetta ad allertare le forze dell'ordine per porre fine a questa vergogna?".

Fonte:

http://www.repubblica.it/cronaca/2010/03/20/news/sapone_arezze-2779667/ - 20.03.10

Le lecite paure

di Lorenzo Tomasin

Accusare di xenofobia o di razzismo Nicolas Sarkozy, figlio di un padre ungherese e di una madre d'origine ebraica, primo presidente «straniero» dei francesi, significa ricorrere a un argomento tanto inconsistente e temerario quanto quello di chi rinfaccia al suo presunto antagonista nella vicenda del rimpatrio dei rom, cioè Papa Benedetto XVI, i propri trascorsi di tedesco nato negli anni venti (particolarmente imbarazzanti, se si parla appunto di zingari). «Presunto» perché il Papa, anziché attaccare frontalmente il governo di Parigi, ha semplicemente richiamato allo spirito cristiano dell'accoglienza, che riguarda i rapporti individuali e non quelli sociali e giuridici, dominati dalla razionalità del diritto.

Piuttosto, se è possibile che il presidente francese stia tentando, con la sua iniziativa, di recuperare consenso elettorale, è altrettanto plausibile che le gerarchie cattoliche cerchino, intervenendo nella questione dei rom, di ridarsi uno smalto «umanitario » dopo gli scandali che ne hanno incrinato la credibilità. Di fatto, non è mancato -

soprattutto nel sottobosco più bellicoso e patarino della chiesa francese - chi in questi giorni ha fatto volare parole grosse: un sacerdote di Lille, don Arthur Hervet, ha ammesso pubblicamente di pregare perché a Monsieur le President venga un infarto. Non si sa bene quale Dio stia invocando il buon curato, anche se nel sincretismo oggi tanto in voga tra i cattolici probabilmente si è aperta anche una possibilità preclusa ai cristiani di un tempo. Un riflesso di questo clima avvelenato non ha mancato di toccare anche il Veneto, dove la coincidenza tra il rimpatrio dei rom irregolari dalla Francia e un fatto di sangue avvenuto a Padova (l'ennesimo, occorre dirlo con onestà) che vede coinvolti due nomadi ha aperto la solita arena mediatica, simile a un quiz per decerebrati: siamo pro o contro i rom? Quiz in cui l'opinione pubblica «ostile» mostra spesso di avere idee molto vaghe sul fenomeno nel suo complesso, mentre quella filantropicamente «favorevole» abita molto lontana dalla concretissima realtà di un campo nomadi. O ha antifurti molto potenti.

Fenomeni come questi si producono quando, da una parte e dall'altra dell'invisibile barricata, l'irrazionalità e la forza inebriante degli slogan prendono piede. Nessuno Stato occidentale moderno (né premoderno - un esempio? la Repubblica di Venezia, che periodicamente legiferava sui cingani) ha mai visto con favore la presenza al proprio interno di comunità nomadi i cui componenti sono dèditi, in proporzione superiore alla media, ad attività poco chiare, o talvolta chiaramente criminose: e tale diffidenza non è dovuta a cieco pregiudizio o ad anticristiana assenza di carità, bensì a sereni e

comprensibilissimi giudizi su ciò che è opportuno, sicuro, giusto. Fingere d'ignorare che l'abbattimento di molte frontiere consente alle culture di circolare liberamente ma anche all'inciviltà di dilagare pericolosamente, significa commettere un errore che col peccato in senso cristiano ha in comune qualcosa più che una coincidenza lessicale: significa, cioè, peccare d'ingenuità.

Fonte: <http://corriereedelveneto.corriere.it/notizie/politica/2010/25-agosto-2010/lecite-paure-1703635353732.shtml> - 25.08.10

Razzismo, il 45% dei giovani chiuso agli stranieri o xenofobo

I dati di ricerca commissionata dalle Regioni. Il 40 per cento degli intervistati è "aperto" nei confronti degli immigrati

Roma, 18 febbraio 2010 - Dai ragazzi inclusivi a quelli improntati al razzismo: il 40% dei giovani italiani si ritrova su posizioni più aperte, mentre il 45% sposa atteggiamenti di chiusura.

Questa la fotografia scattata da "Io e gli altri. I giovani italiani nel vortice dei cambiamenti", l'inchiesta realizzata dall'Istituto Swg di Trieste e promossa dalla Conferenza dei Presidenti delle Assemblee legislative delle Regioni e delle Province autonome, che ha analizzato gli atteggiamenti e le pulsioni che caratterizzano i ragazzi italiani tra i 18 e i 29 anni.

In base allo studio, l'universo giovanile italiano si spacca nettamente in due aree: da un lato il fronte 'aperturista', che include quasi il 40% degli intervistati, in cui troviamo almeno tre agglomerati: gli "inclusivi" (che sono il 19,4% dei giovani), i "tolleranti" (che sono il 14,7% dei ragazzi e delle ragazze) e gli "aperturisti tiepidi" (che sono il 5,5%). Sul versante opposto c'è l'area di quelli più chiusi. Qui si colloca il 45% dei giovani italiani, suddivisi in tre gruppi: i romeno-rom-albanese fobici (che sono il 15,3% dei giovani), gli xenofobi per elezione (che sono il 19,8% dei giovani) e gli improntati al razzismo (che sono il 10,7%). In mezzo alle due aree si colloca un ulteriore gruppo, con il 14,5% dei giovani. Gli inclusivi sono il clan pienamente aperto verso gli immigrati, sono disponibili verso le posizioni altrui e riescono ad accettare serenamente le idee divergenti. Sono soprattutto ragazze (55,3%), persone tra i 22 e i 25 anni e residenti nelle Isole, al Sud e al Centro.

Ad un gradino di capacità di apertura leggermente inferiore ci sono i "tolleranti" (14,7%), sono un po' più freddi e calmierati rispetto agli inclusivi. La loro apertura verso il prossimo appare dettata da una presa di posizione razionale che nega gli atteggiamenti razzisti, piuttosto che da una effettiva

capacità di riconoscersi nell'altro. Così i giudizi sulle altre etnie, pur essendo nel complesso positivi, si caratterizzano per una maggior morigeratezza.

In base allo studio, l'ultima fetta dei più aperti, i "tiepidi", è composta da giovani decisamente antirazzisti (il 71% ritiene assolutamente inaccettabile qualunque atteggiamento discriminatorio), ma con forme più caute, più trattenute. Così, chi appartiene a questo clan crede nel rispetto di tutte le religioni, ma in modo un po' meno marcato; riconosce l'omosessualità come una forma d'amore al pari di quella eterosessuale, ma in forma più ridotta rispetto agli altri due gruppi. Minori anche le forme di interazione con le altre etnie.

Come avviene per tutti gli agglomerati aperturisti, si tratta di un gruppo composto soprattutto da ragazze e da 22-25enni, anche se, in questo caso specifico c'è anche una buona quota di under21. A metà dell'asse immaginaria che va dalla massima inclusione alle forme più marcate di esclusione, troviamo i "mixofobici". Si tratta del gruppo mediano in cui convergono i giovani che non sono del tutto proiettati verso la chiusura, ma che non denotano nemmeno evidenti segnali di apertura. Questi ragazzi si trovano a vivere in una sorta di limbo contraddistinto da un sentimento di fastidio di sottofondo, di sofferenza verso ciò che si allontana dalla loro identità.

Sono, tuttavia, persone che non hanno ancora deciso fino in fondo "da che parte stare": non ripudiano la contaminazione, non la contrastano apertamente, ma neanche la ricercano. In questo caso si tratta soprattutto di maschi (55,4%), persone tra i 26 e i 29 anni e vivono principalmente al Sud e nelle Isole. Si tratta di ragazzi che vivono soprattutto nei piccoli centri, tra i lavoratori precari,

ma anche tra le famiglie agiate, tra i cattolici praticanti, ma anche tra quelli piu' saltuari e scostanti. L'area escludente, come quella 'aperturista', ha una propria gradazione interna, una scala di avversione che scorre fino a posizioni di chiara marcatura razzista. In questa area, che raccoglie il 45,8% dei giovani, ritroviamo tre clan e quello minoritario e' certamente quello piu' razzista.

Il primo clan e' costituito dai "rumeno-rom-albanese fobici" che, come indica chiaramente il nome, si scagliano contro un target ben preciso. Pur non provando particolare simpatia per diverse etnie, la loro intolleranza prende di mira piu' direttamente rumeni, rom e albanesi. Verso questi popoli hanno una vera e propria ossessione, ma riescono a convivere con altre appartenenze o, quantomeno, a dimostrare una certa indifferenza. Questo e' l'unico clan, fra quelli dell'asse dell'esclusione, in cui la maggioranza e' costituita da ragazze (56%). Per lo piu' i rumeno-rom-albanese fobici sono giovani "maturi", tra i 26 e i 29 anni, residenti a Nordovest e al Centro Italia, sono diplomati e vivono in famiglie benestanti. Seguono gli "xenofobi per elezione".

Si tratta del clan giovanile piu' grande, che comprende quasi il 20% degli intervistati. L'atteggiamento predominante e' quello di negazione netta di tutti gli immigrati, senza distinzioni particolari. Si sentono fortemente italiani. Sono il clan che marca di piu' questo universo

identitario. Non esprimono forme di odio violente. La cosa che piu' conta e' che le altre etnie se ne stiano lontane, possibilmente fuori dai confini nazionali. Gli adepti di questo clan sono perlopiu' maschi sotto i 21 anni. Proseguendo l'analisi della mappa delle forme di inclusione ed esclusione, c'e' l'ultimo clan, quello degli "improntati al razzismo".

E' il piu' piccolo dell'area escludente (10,7%), ma il piu' estremo. Per i componenti di questo gruppo, infatti, non esistono razze etnie accettabili. Tutti, tranne europei ed italiani, sono da considerarsi antipatici. Tra gli improntati al razzismo la ricerca evidenzia forme di ostentazione di superiorita', un persistente bisogno di potenza, atteggiamenti apertamente omofobici, spinte antisemitiche, convinzione dell'inferiorita' delle donne. In sostanza, rifiuto e fastidio per tutto cio' che e' diverso. Il clan degli improntati al razzismo, rispetto a quello degli xenofobi per elezione, si distingue non solo per l'intensita' estremizzata delle proprie posizioni, ma anche per la sua capacita' di produrre un vero e proprio modo di essere nella societa', per la sua tendenza a essere una comunita', per quanto chiusa e ristretta.

Fonte: http://www.stranieriinitalia.it/s.o.s._razzismo-razzismo_il_45_dei_giovani_chiuso_agli_stranieri_o_xenofobo_10429.html - 18.02.10

PORTUGUÊS

Entidades condenam política racista do governo francês contra imigrantes

Após o anúncio feito pelo governo da França sobre as novas medidas de "segurança", que afetam diretamente aos imigrantes, diversas entidades pelo mundo se pronunciaram condenando a intenção e acusando o presidente francês, Nicolas Sarkozy, de promover o racismo e a xenofobia.

A decisão incide em retirar a nacionalidade dos franceses de origem estrangeira, englobando "todas as pessoas de origem estrangeira que voluntariamente tenham atentado contra um funcionário da política, um agente das forças de segurança ou qualquer outra autoridade pública".

O Ministro da Imigração, Éric Besson, anunciou que o Governo reformará a legislação vigente para poder expulsar aos estrangeiros que "ameaçarem a ordem pública". Brice Hortefeux, Ministro do Interior, informou que a França já desmantelou 128 acampamentos de ciganos e expulsou 977 ocupantes em um mês e disse que a medida está relacionada a um projeto de lei sobre segurança

interna que será apresentado aos senadores amanhã (7).

No entanto, a política considerada racista não é bem vista por organizações em prol dos direitos humanos, nem pelas populações afetadas, como é o caso, principalmente, dos ciganos da Romênia e da Bulgária. Algumas autoridades francesas, integrantes da esquerda e republicanos conservadores, também divergem diante da nova medida.

Na semana passada, a Federação Sindical Mundial (FSM) se manifestou e condenou energicamente as novas medidas racistas do governo francês. Para a entidade, "Estados capitalistas como a França estão criando, através de legislação, condições extremamente duras para os imigrantes que são a parte mais vulnerável da classe operária em todos os países".

"Sublinhamos a necessidade de expressar nossa solidariedade e o internacionalismo aos imigrantes e refugiados, assim como das minorias. Nossa

prioridade deveria ser dada para restringir fenômenos de xenofobia, racismo e discriminação racial. Nossa tarefa é não deixar nenhum espaço para o desenvolvimento das teorias fascistas (FASCHIST)", ressalta a Federação.

De acordo com a FSM, os imigrantes estão sendo perseguidos com acusações relacionadas à cor de pele e religião. "Trabalhadores do mundo, em todos os países devem estar unidos independentemente da religião, sexo, cor de pele ou origem. É uma necessidade imperiosa de unir as demandas dos trabalhadores contra os governos capitalistas, o capital e os monopólios. Os problemas dos povos são criados pelo capitalismo e não pela cor da pele das pessoas", ressalta a Federação.

O Comitê da Organização das Nações Unidas (ONU) para a Eliminação da Discriminação Racial (CERD) também criticou a França pelas repatriações coletivas dos ciganos romenos, e aconselhou ao país que atue respeitando plenamente aos direitos humanos. A entidade classificou a política de Sarkozy como "manifestação violenta de caráter racista contra os romenos".

Cinco países da UE expulsaram ciganos romenos

Nem só a França tem expulsado ciganos romenos do seu território. "Está a acontecer em diversos países da União Europeia, incluindo Itália, Alemanha, Dinamarca e Suécia", assegura Robert Kushen, director executivo do European Roma Rights Center, organização que se dedica a combater a discriminação desta minoria étnica em todo o continente. O movimento migratório dos roma tornou-se um "problema europeu".

Era um dos cenários mais temidos com a entrada da Romênia e da Bulgária na UE, em 2007: o êxodo dos nacionais ciganos. Ontem, a França pediu à Comissão Europeia para obrigar a Romênia a estancá-lo.

O ministro francês da Imigração, Eric Besson, convidou quatro das outras grandes economias europeias (Itália, Espanha, Alemanha, Reino Unido) para uma reunião informal sobre imigração, em Paris, a 6 de Setembro. Também chamou a Bélgica, que preside agora à UE, a Grécia, país de trânsito de estrangeiros que tentam alcançar o espaço comunitário, e o Canadá, a braços com imigrantes ciganos oriundos da Hungria e da República Checa.

"Espero que não se esqueçam que há livre circulação na UE", comenta Robert Kushen, ao telefone, desde Budapeste. "E que na base desta corrente migratória está a discriminação estrutural e a pobreza extrema que os roma suportam nos seus países."

O primeiro-ministro francês, François Fillon, escreveu ontem ao presidente da Comissão

O Comitê recomendou ao país que evite as repatriações coletivas (de ciganos a Romênia) e pediu respeito às normas da Convenção Internacional da ONU sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação Racial.

Reação

Diante das políticas racistas de Sarkozy, associações e líderes ciganos da Romênia decidiram boicotar produtos originários da França e realizar um protesto internacional contra a cúpula sobre a deportação dos romenos estrangeiros convocada pelo ministro da Imigração, para esta semana.

A Aliança Cívica dos ciganos da Romênia publicou um manifesto no qual justifica o boicote aos produtos e serviços franceses para lembrar às autoridades do país que sem direitos fundamentais não se negocia.

Fonte:

<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?boletim=1&lang=PT&cod=50743> - 06.09.10

Europeia, Durão Barroso. Pediu-lhe que tome medidas para garantir que os quatro mil milhões de euros de fundos da UE que vão a cada ano para a Romênia são usados para integrar os roma.

Vivian Reding, a vice-presidente da Comissão Europeia, já mandou um recado sob a forma de comunicado: "Acredito que os roma são uma parte importante da população da UE e é de primordial importância que estejam bem integrados." A também comissária da Justiça tem seguido a situação na França e o "debate inflamado" noutros países. Sabe que cabe a cada Estado-membro garantir a ordem pública, mas espera que o façam respeitando as regras da União.

A livre circulação não foi um ganho automático para a Romênia e para a Bulgária. Entraram com a hipótese de encarar algumas restrições, como a exigência de um contrato de trabalho, até ao final de 2013. E lidam com elas na Bélgica, na Alemanha, na Irlanda, na França, na Itália, no Luxemburgo, na Noruega, na Áustria, no Reino Unido e em Malta.

Para viver noutra país da UE mais de três meses, um cidadão tem de trabalhar ou de, pelo menos, ter meios de subsistência que não o convertam num fardo para a assistência social. Pode ser expulso se não satisfizer tal requisito ou se significar uma "genuína, presente e suficientemente séria ameaça [...] para a segurança pública".

Robert Kushen teme que os roma não estejam a ser tratados como indivíduos, mas como uma massa homogénea que urge eliminar - isso violaria a directiva da livre circulação e a Convenção Europeia dos Direitos Humanos, que proíbe as expulsões colectivas de estrangeiros.

Todo o processo lhe parece duvidoso: "O que é que tem de voluntário a polícia, como se faz na França, dizer: "É melhor ires embora agora, que te damos algum dinheiro. Se não fores, voltamos daqui a um mês com uma ordem de expulsão." Estamos a entrevistar pessoas que estão a regressar para saber como é que tudo aconteceu. Já temos alguém na Roménia e vamos ter alguém na Bulgária a fazer isso."

Vê uma nuvem xenófoba a atravessar a UE. A 12 de Julho manifestou preocupação com o que considera o discurso "anti-roma" oficial dinamarquês, do presidente da Câmara de Copenhaga, Frank Jensen, e do ministro da Justiça, Lars Barfoed. Jensen pedira ao Governo que tratasse de "livrar" a cidade dos "roma criminosos", culpando-os de roubo. E Lars Barfoed reagira, alegando que eram residentes ilegais. Na sequência destas declarações, 23 romenos foram detidos e deportados - "apesar da aparente ausência de investigação e condenação pelos tais roubos".

A polémica estourou em Itália, com a morte da mulher de um oficial. A 30 de Outubro de 2007, Giovanna Reggiani foi atacada no regresso a casa, no Norte de Roma. Falou-se logo em rapto, tortura,

violação, roubo, agressão - as perícias haveriam de descartar a tortura e a violação. A suspeita abateu-se sobre um cigano romeno que vivia numa barraca das redondezas. O presidente de Roma, Walter Veltroni, decretou uma emergência com a qual "nem a polícia nem as autoridades locais" podiam lidar. Milhares de ciganos tiveram de sair. Já em Junho de 2009, homens armados com tijolos e garrafas forçaram mais de cem ciganos romenos a abandonar as suas casas, em Belfast, na Irlanda do Norte, e a refugiar-se numa igreja. O autarca Naomi Long condenou os ataques e pediu aos habitantes locais para apoiarem os seus vizinhos. Mas repetem-se pequenos episódios de xenofobia e este ano a imprensa britânica já publicou artigos a relacionar os romenos de etnia cigana com o aumento da criminalidade.

Haverá à volta de dez milhões de roma nos 27 países da União. Segundo o Conselho da Europa, a maior parte vive na Roménia (um a dois milhões), na Hungria (600 mil a 800 mil), na Bulgária (à volta de 750 mil) e na Eslováquia (entre 350 mil e 500 mil). Robert Kushen - como outros activistas - bate-se por uma estratégia europeia. "As expulsões não resolvem o problema. Enquanto as condições nos países de origem forem tão más, as pessoas vão continuar a sair, a procurar oportunidades fora. A UE tem de se envolver, tem de criar uma estratégia para promover a integração", argumenta.

A 7 de Abril, a Comissão Europeia adoptou uma comunicação sobre a integração económica e social - é o primeiro documento político que dali emana dedicado especificamente a esta minoria; esboça um programa que pretende tornar a integração mais efectiva.

Fonte: http://www.publico.pt/Mundo/cinco-paises-da-ue-expulsaram-romenos-de-etnia-cigana_1452941?all=1 - 26.08.10

PF investiga crime de incitar ódio contra nordestinos na web

MP de Pernambuco pediu providências contra referências preconceituosas às enchentes em AL e PE.

A propagação de comunidades na internet com mensagens de discriminação contra nordestinos está sendo questionada pelo Ministério Público de Pernambuco e investigada pela Polícia Federal. A polémica sobre referências preconceituosas foi denunciada ao MP em junho, logo após as enchentes que atingiram as cidades de Alagoas e Pernambuco.

O pivô da revolta foi uma comunidade do Orkut intitulada "Odeio Nordestino", que abriu tópicos para "lamentar a sobrevivência" das vítimas

enchentes e manifestar temor por uma "nova invasão" de nordestinos a São Paulo. "Pessoal, com essas enchentes no Nordeste acho que os cabeçudos vão vir em massa pra SP. Vai ter mais lixo do que já tem aqui", afirmou uma frequentadora da comunidade. "Seria bom se eles morressem na enchente, afinal nordestino é um animal que não sabe nadar", disse outro.

Mas não são apenas ataques às vítimas das enchentes que são encontradas na internet. Numa rápida busca, é possível ver que existem vários

sites e comunidades de supostos moradores do Sul e Sudeste do país com ataques a nordestinos.

Na comunidade "Lugar de nordestino é no Nordes", com 154 membros no Orkut, um dos tópicos de comentários diz que os "nordestinos estão prejudicando os paulistas". "Peço que os paulistas expulsem os nordestinos de nossas terras, pois além de roubarem nosso espaço, ainda tiram onda dos paulistas", afirma a usuária Patrícia. "Voltem para o rebanho de vcs (sic) carniça", escreve uma usuária.

Os exemplos discriminatórios não se restringem ao Orkut. "Essa comunidade é para todos os paulistas, paulistanos e sulistas que estão cansados de ver e ter que aceitar esses 'forasteiros' usurparem da nossa terra, trazendo costumes imundos, emporcalhando as cidades, aumentando a criminalidade e agindo como se essa terra fossem deles", diz um trecho do site "Desabafo Brasil", que sugere que os usuários ingressem em sites preconceituosos.

Outro exemplo está num texto intitulado "manifesto confederalista". "Quantas vezes você, paulista, presenciou cenas de desrespeito praticado por migrantes? Invadirem espaços, agirem como se estivessem em sua terra. Imporem sua cultura e costumes à nossa vontade. Inundam nosso estado, exigem serviços, põem-se de 'vítimas', apagam nossa identidade. Assim somos desrespeitados", diz o texto de apresentação.

MP pede providências

Diante das denúncias apresentadas no período pós-enchentes, o MP decidiu investigar as pessoas que fazem parte destas comunidades. A denúncia original foi contra a comunidade "Odeio Nordestino". "Essa comunidade não é de uma ou duas pessoas, mas sim são cerca de 400 pessoas. E nós constatamos ofensas, preconceito, racismo, formação de quadrilha. E esse comportamento, além de criminoso, é perigoso, pois incita violência", afirmou o promotor José Lopes Filho, coordenador da área de crimes contra a ordem tributária do MP de Pernambuco.

Com a repercussão do caso no Estado, os moderadores da comunidade apagaram os comentários que atacavam as vítimas das enchentes e restringiram o acesso ao conteúdo – agora, para participar, é preciso ser aprovado.

Segundo o promotor, o MP-PE acionou o MP federal e o de São Paulo (suposta origem do crime) e deu entrada com uma notícia-crime na PF.

Várias comunidades do Orkut foram denunciadas. "Todo o trabalho acontece em sigilo pela PF. Essas investigações são demoradas; às vezes leva meses. É preciso rastreamento, quebra de IP [endereço de identificação de um computador], até mesmo procedimentos internacionais. Eu estive com o relações públicas da PF na última semana e ele me informou que as investigações estavam de vento em popa", afirmou Lopes.

O promotor disse que conseguiu chegar ao IP dos usuários da comunidade. "Eles começaram a criar fakes [nome de usuário falso], mas nós conseguimos rastrear o IP dessas pessoas. Isso facilita identificar o usuário. É preciso pedir o horário GNT para sabermos exatamente de onde partiu os comentários. Todos os dados que conseguimos foram entregues à PF."

Segundo o promotor, os integrantes das comunidades anunciaram até a posse de artefatos explosivos. "Essas comunidades podem ter vinculações com grupos neonazistas. Talvez essa análise desbarate até quadrilhas. Se identificados, essas pessoas podem ser condenadas por racismo, preconceito e, eventualmente, por formação de quadrilha e apologia ao crime", informou.

Lopes ainda criticou a empresa Google, detentora do Orkut, que se recusaria a retirar do ar comunidades com conteúdo racista. "Eles se valem da lei norte-americana, da independência que possui por ser de outro país", disse o promotor.

Comunidades de apoio

Depois da repercussão do ataque às vítimas das enchentes, muitas comunidades de apoio aos nordestinos foram criadas e outras, mais antigas, ganharam adeptos. A principal delas, intitulada "Orgulho de Ser Nordestino", possui hoje mais de 133 mil membros, e tem vários comentários de pessoas que passaram por casos de discriminação.

Já outras comunidades foram criadas recentemente para criticar o preconceito de supostos moradores do Sul e Sudeste. Na comunidade "Eu odeio quem odeia nordestino", por exemplo, muitos usuários pedem que os internautas denunciem as comunidades que expressam preconceito contra os moradores da região.

O Estrangeiro

Rodrigo Tavares

Quando eu era criança havia no jogo Trivial Pursuit uma pergunta que eu nunca esqueci: "qual é a cidade no mundo onde habitam mais portugueses?". Para minha surpresa, a resposta não era Lisboa e sim Paris. Portugal é organicamente um país de emigrantes. Não há ninguém que não tenha um familiar, mesmo distante, que não tenha emigrado. Segundo dados da União Europeia conhecidos esta semana, Portugal apresenta a quarta maior comunidade de emigrantes na UE, com cerca de um milhão de cidadãos portugueses a residirem noutro Estado-membro. No total são cerca de 31,9 milhões de cidadãos estrangeiros a viver no espaço comunitário. Mas apesar de todas as facilidades de mobilidade na Europa e das crescentes interações entre europeus, continua a ser fácil encontrar laivos de xenofobia.

Nós portugueses emigramos, mas nem sempre gostamos de emigrantes no nosso país. O exemplo mais flagrante aponta para a nossa relação esquizofrénica com os brasileiros. Somos a maior população de emigrantes no Brasil, mas rejeitamos os brasileiros que tentam a sorte aqui. Portugal não é um país com demonstrações violentas de hostilidade e as suas políticas de integração de imigrantes já foram distinguidas pela ONU, mas a rejeição de algumas comunidades ainda se mascara com gestos involuntários e comentários jocosos. Segundo as pesquisas, 44% dos brasileiros afirmam que já sofreram algum tipo de discriminação e 74% consideram alto o nível de

discriminação e racismo em Portugal. A retórica do "país irmão" fica normalmente confinada às cimeiras e às campanhas publicitárias.

Infelizmente, nosso país não está só. A Itália é o terceiro país com a maior comunidade de emigrantes na União Europeia, mas isso não a impede de violar gravemente os direitos humanos de trabalhadores vindos da África, Leste Europeu e Ásia. Na França, o governo de Nicolas Sarkozy expulsou cerca de dez mil romenos e búlgaros este ano. Faz-me lembrar o vazio interior que atravessa "O Estrangeiro" de Albert Camus. A França anunciou também uma reforma das leis sobre a imigração que inclui a expulsão do país dos cidadãos europeus "sem meios duradouros de subsistência." Que impacto terá nos portugueses remediados de Paris?

Na verdade, a Europa ainda não é europeia. Perante a contrariedade apressamo-nos a expurgar a diferença e a higienizar a impureza. Esquecemo-nos que não há nenhum país europeu que não tenha sido genética e economicamente marcado por comunidades estrangeiras (o próprio pai de Sarkozy foi um exilado húngaro). Mas o medo adormece-nos a lucidez. Ser xenófobo e europeu é, por isso, uma contradição. Num continente com tanta mistura genética, não gostarmos do "outro" é, sem romantismo, não gostarmos de nós próprios.

Fonte: <http://aeiou.visao.pt/o-estrangeiro=f571742> - 09.09.10

ONU alerta sobre ataques xenófobos contra somalis refugiados

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) alertou hoje sobre os crescentes ataques contra a população somali deslocada ou refugiada nas regiões e países vizinhos, assédio que interpreta como um sinal de "xenofobia" que "deve ser freado".

"Os ataques que os somalis sofrem nesses lugares são um motivo de preocupação", disse hoje em Genebra Melissa Fleming, porta-voz do ACNUR.

Entre outros ataques, o ACNUR registrou denúncias das vítimas, que relatam detenções arbitrárias, extorsão, assédio físico e verbal, e expulsão das zonas de amparo.

"Na capital, Nairóbi, mais de 2 mil somalis pediram proteção e asilo aos escritórios do ACNUR nos últimos dias", disse Fleming.

Segundo o ACNUR, mais de 18 mil pessoas foram deslocadas, 112 assassinadas e 250 feridas na Somália devido aos enfrentamentos das últimas três semanas.

O país sofre com a falta de um regime estável desde a queda do ditador Siad Barre, em 1991, quando a Somália caiu nas mãos dos chamados senhores da guerra e dos clãs.

Atualmente, a milícia islamita Al Shabab controla praticamente todo o centro e sul do país e tenta desbancar o Governo Federal de Transição (GFT), apoiado pelos Estados Unidos.

Desde os anos 90, mais de um milhão de somalis vivem como refugiados internos e outros 600 mil como refugiados em países vizinhos, número que transforma a Somália no terceiro país, depois do Iraque e do Afeganistão, em maior número de

refugiados do mundo.

refugiados/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+RefugeesUnitedBrasil+%28Refugees+United+Brasil%29 - 23.07.10

Fonte: <http://refunitebrasil.wordpress.com/2010/07/23/onu-alerta-sobre-ataques-xenofobos-contra-somalis->

Parlamento francês aprova definitivamente lei que proíbe véu integral

France Presse

Paris - O Parlamento francês adotou definitivamente nesta terça-feira (14/9), com uma última votação no Senado, a lei que proíbe o uso do véu islâmico integral a partir de 2011 em espaços públicos da França, onde reside a maior comunidade muçulmana da Europa.

O Senado não fez modificações à versão aprovada há dois meses pela Assembleia Nacional. O texto foi aprovado por 246 votos a favor (conservadores, centristas, radicais de esquerda e direita e um certo número de socialistas) e um contra.

Apesar de condenar o uso dos véus islâmicos integrais - 'burca' e 'niqab' -, a maioria da oposição de esquerda se negou a participar da votação, citando riscos de "inconstitucionalidade", tanto na França como na União Europeia, de uma proibição geral, e de "estigmatização" da importante comunidade muçulmana instalada na França, a maior da Europa com em torno de seis milhões de pessoas.

A iniciativa, lançada inicialmente por um deputado comunista e retomada em 2009 pelo presidente francês, o conservador Nicolas Sarkozy, tinha sido aprovada em julho por ampla maioria na Assembleia Nacional.

O projeto aprovado pelos senadores - a última etapa legislativa - não menciona explicitamente o véu islâmico integral, mas "proíbe a dissimulação do rosto em espaço público", ou seja, a administração pública, mas também em lojas, cinemas, restaurantes e mercados.

Quem não cumprir a lei receberá uma multa de 150 euros (em torno de US\$ 190). Os maridos que obrigarem as mulheres a usar o véu poderão ser condenados a um ano de prisão e a 30 mil euros (cerca de US\$ 40 mil) de multa.

A lei entrará em vigor em março de 2011, depois de um período "pedagógico" de seis meses.

A burca e o niqab são dois tipos de véu islâmico integral que cobrem as mulheres da cabeça aos pés e têm uma abertura na altura dos olhos ou uma rede para permitir a visão.

"Viver a República com o rosto descoberto é uma questão de dignidade e igualdade", afirmou diante da Câmara Alta a ministra francesa de Justiça, Michelle Alliot Marie, ao defender a iniciativa.

Segundo fontes oficiais, apenas em torno de duas mil mulheres na França, muitas delas francesas convertidas à fé muçulmana, usam a burca e o niqab. Alguns se questionam sobre como, na prática, uma proibição como essa poderá ser cumprida, particularmente nos subúrbios de forte presença muçulmana.

O Conselho de Estado - a mais alta instância administrativa da França - e o Conselho Constitucional se pronunciaram meses atrás a favor de uma proibição limitada à administração pública e aos comércios, mas não nas ruas.

Antecipando-se às ações judiciais que poderão ser interpostas por pessoas físicas contra a aplicação dessa lei, dois responsáveis parlamentares do governante UMP recorreram ao Conselho Constitucional, que tem um mês para se pronunciar.

A França, de tradição laica, adotou em 2004 uma lei que proíbe o uso de "sinais religiosos ostentatórios" como o véu islâmico nos colégios secundários. A votação desta terça-feira ocorre em um clima político muito mais calmo que meses atrás, depois de um falho e polêmico debate impulsionado pelo governo sobre a "identidade nacional".

A França não é o único país europeu decidido a legislar sobre o véu islâmico integral. Bélgica, Holanda, Dinamarca, Itália, Espanha e Alemanha proíbem em diversos graus o uso da burca e do niqab.

A Suíça estuda proibir a burca e o niqab nos espaços públicos, apesar de abrir exceção para as turistas muçulmanas, muitas das quais provêm das ricas monarquias petrolíferas do golfo.

Fonte: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/182/2010/09/14/mundo,i=212897/PARLAMENTO+FRANCES+APROVA+DEFINITIVAMENTE+LEI+QUE+PROIBE+VEU+INTEGRAL.shtml> - 14.09.10

Portugal sofre de "ciganofobia", mais de 80% da população tem atitudes xenófobas contra ciganos

Portugal sofre de "ciganofobia" e mais de 80 por cento da população tem comportamentos xenófobos contra os ciganos, defendeu o antropólogo José Pereira Bastos, para quem não há ninguém em Portugal que se interesse por estas pessoas.

Em declarações à Agência Lusa, a propósito do arranque da Conferência Internacional "Ciganos no Século XXI", que decorre entre hoje e sexta-feira, em Lisboa, da qual é organizador científico, José Pereira Bastos defendeu que "o propósito de extermínio [dos ciganos] sempre foi muito claro" em toda a Europa.

"Num sítio onde os antropólogos, os cientistas sociais, os padres, os comunistas, os católicos, os juristas não querem saber, a polícia tem mão livre para lhes bater, para lhes deitar abaixo as barracas, para os forçar a serem nómadas", criticou o antropólogo.

Pereira Bastos diz não ver qualquer governo ou partido que toque no assunto e atira que "não há ninguém que se interesse porque em Portugal a ciganofobia atinge a esfera dos 80 por cento".

A base das suas críticas está num trabalho de campo que realizou em 2005 para a Câmara Municipal de Sintra, com o objectivo de estudar os ciganos do concelho.

Durante mais de um ano, José Pereira Bastos e uma equipe de mais três elementos visitaram, casa a casa, 150 famílias e falaram com 602 pessoas ciganas.

Das entrevistas a todos os funcionários da autarquia resultaram dois perfis distintos: "80 por cento diziam que os ciganos são primitivos, vivem como galinhas do mato, não aguentam um teto, deveriam ser abandonados ao direito de andarem por aí (...), são mentirosos, agressivos, sujos, perigosos e tudo isto desemboca na teoria de que eles têm de ser tratados a mal, têm de ser cidadãos como os outros e a polícia tem de os pôr na ordem", apontou.

Por outro lado, "20 por cento diziam que os conheciam, que eram ótimas pessoas, não faziam

mal a ninguém. Eram inteligentes e só precisavam de ser ajudados, mas estavam a sofrer um processo de perseguição e tudo o que de maligno lhe atribuímos é uma forma de se defenderem contra a perseguição que sofriam".

"São dois perfis distintos e o primeiro é o que se chama ciganóforo", defendeu.

Para sustentar a sua teoria, Pereira Bastos lembra também que houve investigadores estrangeiros que quiseram medir o nível de xenofobia em Portugal e fizeram para isso um questionário sociológico a nível nacional para adolescentes.

Segundo o antropólogo, a pergunta que constituía o indicador central do racismo tinha a ver como é que os adolescentes reagiriam a ter amigos africanos e ciganos, entre outros.

"A resposta dá um índice de racismo de 35 por cento porque à pergunta 'você gostaria de ter amigos ciganos na sua escola' a resposta 'não' atinge os 68 por cento, enquanto nos africanos a resposta 'não' vai aos 28 por cento", apontou Pereira Bastos.

Com base neste estudo, o especialista faz a extrapolação para o país e defendeu que a nível nacional "o índice de ciganofobia será maior [que os 80 por cento] e mais violento".

"Uma das pessoas que participou no estudo [para a autarquia de Sintra] foi convidada por uma Câmara do Alentejo para técnico no departamento de relações inter étnicas e logo que se meteu no assunto recebeu mails a ameaçarem-no que lhe partiam a cara, que o melhor era sair de lá e foi despedido", exemplificou.

Fonte: http://www.publico.pt/Sociedade/portugal-sofre-de-ciganofobia-mais-de-80-da-populacao-tem-atitudes-xenofobas-contra-ciganos_1454826 - 14.09.10

ENGLISH

France deports more Roma in defiance of international criticism

France deported hundreds more Roma on Thursday in defiance of growing international unease about its crackdown on traveling minorities. Amnesty International said it was alarmed about the stigmatization of the Roma.

Joanna Impey

Around 300 Roma departed from airports in Paris and Lyon on Thursday in the latest wave of what the French government calls a voluntary repatriation scheme. The flights bring the total number of Roma expelled from France this year to more than 8,000.

French police also dismantled a campsite in Lille as part of President Nicolas Sarkozy's major crackdown on crime that began earlier this month. Police have targeted the Roma community, along with other itinerant groups.

The crackdown has sparked major criticism at home and abroad. Former French prime minister Dominique de Villepin said Sarkozy's policies had left a "stain of shame" on the French flag and were a "national indignity."

Growing international condemnation

Human rights organization Amnesty International said Sarkozy risked stigmatizing the minority group.

"French officials should be working to fight discrimination, rather than making inflammatory statements linking entire communities to alleged criminality," the organization said in a statement.

Amnesty is alarmed that the rhetoric "could perpetuate negative stereotypes which contribute to the stigmatization of and discrimination against Roma and travelers."

Germany must take a close look at racism in the country

Comments by German central banker Thilo Sarrazin show how urgently Germany needs a debate about racism in the country, according to Hendrik Cremer of the German Institute for Human Rights.

Hendrik Cremer

"Germany is doing away with itself: How we are putting our country on the line" is the title of Thilo Sarrazin's new book, due to appear in the bookstores next week.

Sarrazin is a board member of Germany's central bank, the Bundesbank - a prominent public position. Excerpts ahead of publication show that Thilo Sarrazin continues to do what he has been doing for a while now: in public announcements, he has assumed the task of splitting German society along the pattern of "we" and "the others." Within the group of "the others," he identifies sub-groups like "Turks," "Arabs" or "Muslim migrants;" in a generalized and derogatory manner, he assigns members of these groups negative characteristics.

Sarrazin rejects accusations of a racist structure of thinking, and resorts to a stylistic device that is not unusual among people propagating such ideas. He

Earlier this month a United Nations panel warned of mounting racism and xenophobia in France, citing the Roma evictions. The European Union's Justice Commissioner is currently reviewing whether the crackdown is legal.

Opinion polls show support for the crackdown

The French government insists it is simply clamping down on illegal immigration and trying to protect its citizens from crime, saying Roma camps are sources of people-trafficking and prostitution.

Opinion polls in France showed solid public support for the expulsions, despite the widespread criticism. A survey published in *Le Figaro* said 69 percent of people questioned supported the dismantling of the Roma camps, and 65 percent backed the deportations.

More than 10 million Roma live in the EU, roughly a fifth of them in Romania. In France there are estimated to be about 15,000 Roma of Romanian and Bulgarian extraction.

Ministers say most of the deported Roma leave France voluntarily after accepting a payment of 300 euros (382 dollars) per adult and 100 euros per child.

Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,5947977,00.html>
27.08.10

laments the constrictions of political correctness, while conducting verbal racist attacks.

In Germany, the term racism is often equated with the human rights crimes committed by the Nazis. Racism is often mentioned only in connection with politically organised rightwing extremism.

In court cases, the use of the term "xenophobia" has led to prosecutors or judges also speaking of "xenophobic" motives when judging a violent attack. But the use of such language will lead to a victim of physical violence feel even more ostracized. The example shows that in Germany, a country of immigration, not enough thought is given to racism and its current manifestation.

The narrow comprehension of racism in Germany, by no means sufficiently discussed, has other consequences, too. People do not give appropriate attention to everyday racism below the threshold of

violence and structural discrimination, for instance in the educational sector or on the job market.

Of course, stereotyping, ostracism and discrimination in democratic societies can not be equated with the systematic, monstrous crimes of the Nazi era. Comprehending racism as limited to rightwing extremism, however, blanks out the state of scientific research as well as the international and European debate on the issue. Here, the comprehension of racism is already more far-reaching.

Over the past few years, several international organisations have criticized the narrow German understanding of racism. In 2008, the United Nation's Committee on Racism advised Germany to adopt a wider definition for the term racism as well as for the country's basic approach to fighting racism. In 2009, the European Council's Commission on Racism came to the same conclusion, as did a report this year by the UN special rapporteur on racism.

But Germany has started to move in the right direction. In its October 2008 "Action plan against racism," the German government acknowledged that there are racist sentiments and stereotypes beyond rightwing extremism, and that fighting racism is not limited to fighting rightwing extremism, but must take into account all of society.

Racism does not depend on ideas based on theories of ancestry and heredity, even though racial theories are still today propagated along such biological lines. Increasingly, and not only in Germany, racist argumentation relies on ascribing people to different "cultures," "nations," "ethnicities" or religions. One characteristic is this is the construction of supposedly homogeneous groups

whose individual members are credited with certain traits.

That does not necessarily entail cultural degradation. Constructing groups subdivided into "we" and the "others" with the sole purpose of setting oneself off from the "others" ("They are different, we don't want them here") can also lead to serious social exclusion.

As a signatory of the UN Anti-Racism Convention, Germany has taken on duties that bind the public authority. It has also agreed to fight racism in politics and in public life. This is due to the recognition that a one-time commitment to human rights is not sufficient; rather, the commitment must be filled with life, exercised and defended. To what extent discrimination and racism develop in a society depends on the convictions and attitudes of its individual members. Politics, the state and its institutions play an important role: they set the standards.

That includes politicians or other state representatives pointing out and countering racism in the public arena. Anything else would thwart integration policies in Germany, which are meanwhile regarded as necessary and right.

So we should welcome the fact that of all people, Chancellor Merkel has branded Sarrazin's remarks as simple and stupid blanket judgements that are highly offensive. But one's reaction should not be limited to a rejection of Sarrazin's assumptions. It should be the starting point for a broad discussion about the understanding of racism in Germany.

Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,5962610,00.html> – 02.09

New Dissent in Japan Is Loudly Anti-Foreign

Martin Fackler

Japan — The demonstrators appeared one day in December, just as children at an elementary school for ethnic Koreans were cleaning up for lunch. The group of about a dozen Japanese men gathered in front of the school gate, using bullhorns to call the students cockroaches and Korean spies.

Inside, the panicked students and teachers huddled in their classrooms, singing loudly to drown out the insults, as parents and eventually police officers blocked the protesters' entry.

The December episode was the first in a series of demonstrations at the Kyoto No. 1 Korean Elementary School that shocked conflict-averse Japan, where even political protesters on the radical fringes are expected to avoid embroiling

regular citizens, much less children. Responding to public outrage, the police arrested four of the protesters this month on charges of damaging the school's reputation.

More significantly, the protests also signaled the emergence here of a new type of ultranationalist group. The groups are openly anti-foreign in their message, and unafraid to win attention by holding unruly street demonstrations.

Since first appearing last year, their protests have been directed at not only Japan's half million ethnic Koreans, but also Chinese and other Asian workers, Christian churchgoers and even Westerners in Halloween costumes. In the latter case, a few dozen angrily shouting demonstrators

followed around revelers waving placards that said, "This is not a white country."

Local news media have dubbed these groups the Net far right, because they are loosely organized via the Internet, and gather together only for demonstrations. At other times, they are a virtual community that maintains its own Web sites to announce the times and places of protests, swap information and post video recordings of their demonstrations.

While these groups remain a small if noisy fringe element here, they have won growing attention as an alarming side effect of Japan's long economic and political decline. Most of their members appear to be young men, many of whom hold the low-paying part-time or contract jobs that have proliferated in Japan in recent years.

Though some here compare these groups to neo-Nazis, sociologists say that they are different because they lack an aggressive ideology of racial supremacy, and have so far been careful to draw the line at violence. There have been no reports of injuries, or violence beyond pushing and shouting. Rather, the Net right's main purpose seems to be venting frustration, both about Japan's diminished stature and in their own personal economic difficulties.

"These are men who feel disenfranchised in their own society," said Kensuke Suzuki, a sociology professor at Kwansei Gakuin University. "They are looking for someone to blame, and foreigners are the most obvious target."

They are also different from Japan's existing ultranationalist groups, which are a common sight even today in Tokyo, wearing paramilitary uniforms and riding around in ominous black trucks with loudspeakers that blare martial music.

This traditional far right, which has roots going back to at least the 1930s rise of militarism in Japan, is now a tacitly accepted part of the conservative political establishment here. Sociologists describe them as serving as a sort of unofficial mechanism for enforcing conformity in postwar Japan, singling out Japanese who were seen as straying too far to the left, or other groups that anger them, such as embassies of countries with whom Japan has territorial disputes.

Members of these old-line rightist groups have been quick to distance themselves from the Net right, which they dismiss as amateurish rabble-rousers.

"These new groups are not patriots but attention-seekers," said Kunio Suzuki, a senior adviser of the Issuikai, a well-known far-right group with 100 members and a fleet of sound trucks.

But in a sign of changing times here, Mr. Suzuki also admitted that the Net right has grown at a time when traditional ultranationalist groups like his own have been shrinking. Mr. Suzuki said the number of old-style rightists has fallen to about 12,000, one-tenth the size of their 1960s' peak.

No such estimates exist for the size of the new Net right. However, the largest group appears to be the clumsily named Citizens Group That Will Not Forgive Special Privileges for Koreans in Japan, known here by its Japanese abbreviation, the Zaitokukai, which has some 9,000 members.

The Zaitokukai gained notoriety last year when it staged noisy protests at the home and junior high school of a 14-year-old Philippine girl, demanding her deportation after her parents were sent home for overstaying their visas. More recently, the Zaitokukai picketed theaters showing "The Cove," an American documentary about dolphin hunting here that rightists branded as anti-Japanese.

In interviews, members of the Zaitokukai and other groups blamed foreigners, particularly Koreans and Chinese, for Japan's growing crime and unemployment, and also for what they called their nation's lack of respect on the world stage. Many seemed to embrace conspiracy theories taken from the Internet that China or the United States were plotting to undermine Japan.

"Japan has a shrinking pie," said Masaru Ota, 37, a medical equipment salesman who headed the local chapter of the Zaitokukai in Omiya, a Tokyo suburb. "Should we be sharing it with foreigners at a time when Japanese are suffering?"

While the Zaitokukai has grown rapidly since it was started three and a half years ago with just 25 members, it is still largely run by its founder and president, a 38-year-old tax accountant who goes by the assumed name of Makoto Sakurai. Mr. Sakurai leads the group from his tiny office in Tokyo's Akihabara electronics district, where he taps out announcements and other postings on his personal computer.

Mr. Sakurai says the group is not racist, and rejected the comparison with neo-Nazis. Instead, he said he had modeled his group after another overseas political movement, the Tea Party in the United States. He said he had studied videos of Tea Party protests, and shared with the Tea Party an angry sense that his nation had gone in the wrong direction because it had fallen into the hands of leftist politicians, liberal media as well as foreigners.

"They have made Japan powerless to stand up to China and Korea," said Mr. Sakurai, who refused to give his real name.

Mr. Sakurai admitted that the group's tactics had shocked many Japanese, but said they needed to win attention. He also defended the protests at the Korean school in Kyoto as justified to oppose the school's use of a nearby public park, which he said rightfully belonged to Japanese children.

Teachers and parents at the school called that a flimsy excuse to vent what amounted to racist rage. They said the protests had left them and their children fearful.

Viewpoint: Religious freedom is not tolerance

Michael Goldfarb

The reason for asking the question today is obvious. The plan to build Park 51, a Muslim community centre a few blocks north of Ground Zero in New York City, has re-kindled resentment smoldering since 9/11 against the Muslim community in a significant portion of American society.

Toleration seems to be in short supply, with reports of several mosques being vandalised around America and a Muslim cab driver in New York being knifed because of his religion.

In a poll of New York City residents for the New York Times, published on 27 August, 72% of those interviewed told pollsters people have the right to build a house of worship near Ground Zero.

No surprise there, that's what religious freedom means.

But when asked, "Do people have the right to build a mosque and Islamic community center near ground zero?" the number dropped to 62% saying OK.

Finally, when asked should the Park 51 mosque and community centre actually be built at the proposed site, 67% said No.

The question raised by the poll is, people have religious freedom but where did the toleration go?

Endurance

In an editorial, the Times' expressed dismay and concluded: "The mosque should be built in Lower Manhattan because moving it would compromise American values."

Where do those values of religious tolerance come from? Are they uniquely American? Here's a bit of history.

The word tolerance applied to religion was one of the foundations of the Enlightenment. Back in the 17th Century, after 300 years of murder, torture, war and general mayhem committed by Catholics

"If Japan doesn't do something to stop this hate language," said Park Chung-ha, 43, who heads the school's mothers association, "where will it lead to next?"

Fonte:

http://www.nytimes.com/2010/08/29/world/asia/29japan.html?_r=2&pagewanted=all - 28.08.10

and Protestants, some thinkers began to consider a better way for humanity.

Religion and politics had become too intertwined. It was time to uncouple them.

The English political philosopher, John Locke, living in exile in Amsterdam - having fallen foul of religious/political intrigues back home - wrote a Letter Concerning Toleration which was published in 1689.

In it, he wrote: "Neither Pagan nor Mahometan, nor Jew, ought to be excluded from the civil rights of the commonwealth because of his religion... The Gospel commands no such thing... and the commonwealth which embraces indifferently all men that are honest, peaceable, and industrious, requires it not."

Now, before we get all misty-eyed and think Locke's essay is the 17th Century version of children holding hands and singing "We Are the World" you have to understand that "toleration" as it was used by Enlightenment philosophers comes from the Latin word *tolerare* meaning "to endure".

It is closer in meaning to the phrase "high pain tolerance" rather than something noble and generous. We endure our minorities for the better functioning of the commonwealth.

The French model

Over the century following publication of Locke's letter, the word migrated into European political discourse.

Giving religious minorities their rights became important to creating modern states.

"Toleration" meant permission given by the authorities for minorities to have certain rights guaranteed. For example, Toleration Letters from various rulers gave Jews the right to live outside the ghettos into which they had been segregated for almost 500 years.

It was this understanding of religious toleration that the Founding Fathers had in mind when they wrote the language on religious freedom that appears in the first amendment of the American Constitution, known as the Bill of Rights: "Congress shall make no law respecting an establishment of religion, or prohibiting the free exercise thereof."

The same understanding of tolerance was used just after the fall of the Bastille, when the French National Assembly wrote a new constitution for France that included, for the first time in European history, a guarantee of full citizens' rights for its Protestant and Jewish minority.

But with those civil rights came an expectation from the majority. Jews would have to become French.

They would have to stop wearing their traditional clothes and be educated in French schools. Their Rabbis would have to become fluent in French. Legal precedents were set to make sure this happened.

These same precedents are the basis of the French National Assembly's decision this summer to ban the full Muslim veil in public places.

The American definition of liberty means the government would not take the same position as the French government - although I suspect plenty of Americans would like to ban the hijab and the veil.

Empire

In the furor over Park 51, the more thinking members of the anti-mosque brigade have invoked French reasoning without using the word France, reminding the project's prime mover, Imam Faisal Abdul Rauf, that tolerated minorities have reciprocal responsibilities not to tread too heavily on the feelings of the majority.

Where equality fits into their reasoning is not clear.

Curiously Britain, which had no 18th Century revolution and which still bans a Catholic from taking the throne, has had in these times of tensions between Muslims and their fellow citizens, fewer problems.

Despite the bombings of 7/7 and several subsequent near-miss plots, and although its Muslim population is primarily composed of immigrants from Pakistan, a country where radical Islam has a strong foothold, there seems to be, for want of a better word, tolerance.

Tensions simmer, make no mistake. Prominent national newspaper columnists turn the heat up with their talk of London-istan, and there were isolated riots in the north of England in 2001 - though these were more over economic issues rather than faith or religion.

In last May's election, the British National Party, which melds Islamophobia with a general anti-immigrant stance, actually lost seats on local councils.

First encounter

My theory as to why, when America is on the verge of exploding with intolerance towards Muslims, Britain seems to be coping, has less to do with political philosophy than a basic historical difference.

Through its empire, British society had several centuries of extensive contact with Muslims. People in Britain may have prejudice against Muslims but they don't have the same visceral intolerance that is often the first response when people encounter someone alien.

After World War II and the end of Empire any wave of immigration from the former colonies back to the "Mother Country" became news.

Muslim immigration, primarily from Pakistan but also Uganda, was no different. It was examined thoroughly in the press and in university social science departments.

Following the oil price shock of 1973, wealth flowed to Saudi Arabia and the Gulf States and London became the preferred destination of the newly-wealthy citizens of those countries in summer and also in times of instability.

Britons have had decades to get over their initial reactions to seeing men in starched thobes or dishdashas and women wearing the veil walking the streets of London.

Prior to 9/11, my guess is that most Americans didn't realise there were up to two million Muslims living in their country and they certainly didn't know or think much about Islam at all... just as they don't know or think much about the world outside the US.

So their first encounter with Islam has been through its most violent and radical adherents. That's not a good introduction.

But how does this answer the essay question I posed at the start of this piece?

Officially in Britain, there is an established church and an official inequality of religious freedom at the highest level, but tolerance seems to be thriving.

In America, the idea of religious freedom remains paramount, yet intolerance seems to be on the rise. Far too many insist on saying the US is a "Christian" country without considering what that means for those of us who are Americans but not Christian.

The answer I offer is that religious freedom needs to be guaranteed by law - as it is in the American

Constitution - because religious tolerance is variable, something we cannot rely on our fellow citizens to practise as a matter of course.

Fonte: <http://www.bbc.co.uk/news/world-11200987> - 06.09.10

Xenophobia illogical in Canada

Jeremy Klaszus

It's a disconcerting string of stories, to say the least. In April, Arizona passed a law cracking down on undocumented migrants, making it a crime for them to be in the state at all -- regardless of whether they're involved in criminal activity. Two months later, voters in Fremont, Neb., approved new rules forbidding local landlords and businesses from renting to or hiring undocumented workers.

The Arizona and Fremont laws have since run into legal snags (damn those checks and balances!), but elsewhere in the world, outsiders are being similarly targeted by states that want to thicken their borders -- even though these same states rely heavily on newcomers for labour. In France this month, police have been uprooting small camps of impoverished Roma migrants, giving them two options: leave voluntarily with government help, or get deported.

It would be comforting to believe Canada is immune from this creeping xenophobia. Yet we saw it after a ship arrived in B.C. earlier this month with almost 500 Tamil migrants from Sri Lanka. "Victoria residents angry at arrival of Tamil refugees," brayed a Vancouver headline. In the story, Liberal MP Keith Martin said his office had been flooded with callers who were "angry because they don't want the Tamil people to be let into Canada and they don't want them drawing from our social services."

Sound familiar? Those callers use the same fearful rhetoric -- "they'll take what's ours" -- that U.S. politicians employed to get their nutty anti-Hispanic laws off the ground.

Instead of calling for a more tempered response, the Harper Conservatives have fed Canadians' fears of the unknown. Public Safety Minister Vic Toews said the boat contained "suspected human smugglers and terrorists." That's scary stuff, no doubt about it -- and while there may be a degree of truth in those comments, it's far from the whole story.

The migrants came from Sri Lanka, a country reeling from more than 25 years of civil war. According to Amnesty International, both sides of the conflict -- the government and Tamil Tigers -- broke international humanitarian law throughout.

But while the government declared victory over the Tamil Tigers last year, Amnesty International says Tamil people living in Sri Lanka still face "enforced disappearances" and torture. Human rights advocates and journalists are "killed, assaulted, threatened and jailed."

That's a hell of a lot scarier than a boatload of strangers. But Prime Minister Stephen Harper chose to play the tough guy when facing the media after the ship docked: "We are responsible for the security of our borders, and the ability to welcome people, or not welcome people, when they come."

To be fair, he has a point. Of course Canada should seek a balance between national security and openness -- and the last thing Canada should do is provide a haven for human traffickers and others who abuse human rights.

But Harper seems more interested in pleasing the cranky hardliners of his voter base than seeking that difficult balance. "Canadians are pretty concerned when a whole boat of people comes -- not through any normal application process, not through any normal arrival channel -- and just simply lands," Harper said of the recent arrivals.

That's a revealing comment. Modern Canada exists on this continent only because Europeans -- "whole boats" of them, to use Harper's words -- sailed here in the 16th and 17th centuries and simply landed. And "not through any normal application process" with the original inhabitants of the land, either. Many others arrived as refugees fleeing war in the years following, and now they and their children proudly call themselves Canadians.

Anti-immigrant types hate to be reminded that white North Americans are either immigrants, or descended from immigrants. It makes their hysterical arguments look ridiculous. But go back far enough and we're all outsiders. This fact, not xenophobia, should guide Canada as we face the complex challenge of handling modern asylum seekers.

Fonte: <http://www.calgaryherald.com/news/Xenophobia+illogical+Canada/3430784/story.html> - 23.08.10

Xenophobia still exists in the US

Ryan Schuessler

Who are we? That is, who are we as a nation? The answer has practically been trademarked throughout our history, at least that's what Schoolhouse Rock made it seem like.

We are a melting pot.

For the most part, half my ancestors were English colonists. The other half were Germans who fled World War I, and in between are the rest of my relatives who have made me, relatively speaking, a European mutt (with a little Cherokee in there somewhere). But I'm just a speck in the vast array of cultures that have come to make up the word "American."

You think we would've learned to accept different types of people by now. Our nation has seen the obliteration of Native American culture, the enslavement and persecution of Africans, the exploitation of the Chinese, the alienation of Catholics and Jews from Eastern and Central Europe and the fear of espionage, be it from the Japanese or the Russians.

But here we are today, in 2010, and all those demographics, and others which had rough beginnings in our country, are generally accepted and appreciated as part of American culture.

So why, after nearly 250 years of existing as a multicultural nation, can we not put aside a still lingering sense of xenophobia?

I'm reminded of stories I heard in high school. My old world history teacher's wife, who is from Tunisia, faced constant harassment in the months following 9/11 because of what "her people" had done. A classmate, a Somali-American who became a good friend of mine, was afraid to wear her hijab to school, years after 9/11. Another Muslim classmate once told me she and her family had to move several times after 9/11 because her home kept getting vandalized and her family harassed. And yet another friend was blatantly accused of being a terrorist not days after 9/11, but years. And it's not like I'm from a small, conservative town; this all happened in St. Louis.

European Commission Warns France About Treatment of Migrants

Stephen Castle

BRUSSELS — Against a backdrop of anger from lawmakers, the European Commission on Tuesday warned France to abide by European law in its treatment of migrants, thousands of whom have been expelled in recent months. But it also

So, every time I hear about it, I'm more convinced the opposition to the mosque near Ground Zero is a scapegoat for a much larger issue: an opposition to Muslims existing in our country as Americans. And such an opposition makes me sick, because that mosque has every moral, legal and human right to exist in our country, as do Muslims.

It makes me very sad to think that the first time many Americans may have ever heard the word "Muslim" or "Islam" was on Sept. 11. And it makes me even sadder that terrorists have come to be the face of Islam to many, if not most, Americans.

Some think that Al Qaeda and the Taliban are representative of all Muslims. Well, Christians, are the Aryan Nation and the Westboro Baptist Church (see godhatesfags.com. And, no, I'm not kidding) representative of all Christians? Do the views of the Israeli government represent those of all Jews? The answer is irrefutably "no." So why must Muslims be represented by terrorists? It's illogical to stereotype any group by the actions of its biggest jack asses.

Yes, 9/11 was a tragedy seemingly beyond the realm of human understanding, at least mine. But a mosque (though it's more of a community center with a mosque inside it) is not a monument to the murder of 3,000 innocent people by terrorists. And also, let's not forget that over 90 other nations lost citizens in the towers as well, many of which were Muslims.

The Cordoba Initiative, an organization founded a decade ago that "seeks to actively promote engagement through a myriad of programs, by reinforcing similarities and addressing differences" between Islam and Western Cultures is the sponsor of the mosque/community center.

Watch out, Manhattan, the "terrorists" have moved to town.

Fonte: <http://www.themaneater.com/stories/2010/8/24/xenophobia-still-exists-us/> - 24.08.10

accepted French assurances that Roma were not targeted as an ethnic group.

"In our European Union, no citizen must become a target of repressive action just because of belonging to an ethnic minority," Viviane Reding,

the European Commissioner for Justice, told the European Parliament. “No collective punishment in Europe, no stigmatization of an ethnic minority,” she added.

Ms. Reding welcomed an assurance given last week by Éric Besson, the French minister for immigration and integration, who said that European law had been respected “scrupulously” and that “no collective expulsions were undertaken.”

But she also wrote to the French authorities, complaining formally about their failure to write minimum E.U. guarantees — which would provide safeguards for those expelled — into France’s law.

The European Commission, which is the executive body of the European Union and which last week questioned the legality of the expulsions in France, said it would continue to monitor and assess the situation.

A commission document produced last week highlighted failings in France’s law by criticizing the country over the way it applied European legislation that was passed in 2004 and is designed to guarantee free movement to the bloc’s citizens.

Each E.U. member state is required to write such laws into its own national legislation, but the way this was done was “not satisfactory” in some countries, including France, said the document. It added that expulsions could be judged legal only if certain conditions were met, including a thorough, case-by-case assessment of each individual’s situation.

The total number of Romanian and Bulgarian Roma expelled so far this year from France exceeds 8,300, compared with 7,875 sent home in all of 2009. Some left voluntarily after being given cash payments.

Mr. Besson’s undertaking last week appeared to satisfy Ms. Reding in the short term, and she made no reference to her power to pursue legal action against governments that break E.U. law.

The French minister argued that those expelled were targeted because they posed a threat to public order. Ms. Reding confirmed Tuesday that national governments had the primary responsibility for ensuring security.

“It was crucial that it was made clear that in France that there was no intention to target action against the Roma,” Ms. Reding said.

That was not accepted by several deputies, including Hannes Swoboda, representing the center-left Socialists and Democrats, who called the response “scandalous.”

“What you have said is no clear answer. We want to know whether the French authorities have contravened the law. You should tell us yes or no,” he told Ms. Reding.

The commissioner also promised to set up a Roma Task Force of senior officials that will report by the end of the year and analyze how European governments are helping integrate the Roma.

Earlier on Tuesday José Manuel Barroso, the president of the European Commission, said that “racism and xenophobia have no place in Europe,” without referring directly to the controversy in France.

That also failed to divert criticism from several deputies, who accused the commission of not enforcing E.U. laws that protect minorities.

“France is breaking European law,” said Daniel Cohn-Bendit, co-chair of the Greens, “there would be nothing more simple than saying it out loud.”

Guy Verhofstadt, leader of the Alliance of Liberals and Democrats for Europe, said it was unacceptable for politicians to be “tempted by populist, racist and xenophobic policies.”

And Lothar Bisky, president of the left-wing G.U.E./N.G.L. group, said it was “unacceptable that fears should be exploited in this way in a community that has always stressed universal human rights and moral values.”

Roma represent the largest ethnic minority group in the European Union, with a population of 10 million to 12 million in the 27 member nations and those that are potential candidates to join, according to the European Commission.

A survey in 2009 found that half of all Roma respondents said they had experienced discrimination in the previous year and that one-fifth said they had been the victim of a racially motivated crime.

Fonte: <http://www.nytimes.com/2010/09/08/world/europe/08iht-roma.html?scp=6&sq=xenophobia&st=nyt> – 07.09.10

ESPAÑOL

Futbol y xenofobia

Los triunfos y derrotas de las respectivas selecciones nacionales en la Copa del Mundo de Sudáfrica 2010 generan todo tipo de emociones. Los victoriosos celebran a sus héroes, los vencidos buscan identificar culpables de la debacle. Y si el triunfo de un equipo, llámese Argentina, Brasil o Uruguay, eleva los sentimientos de orgullo nacionalista, la derrota atiza el ardor en contra del rival—el extranjero. Quien los prefiere o se alía con ellos, es considerado un traidor.

El miedo y odio a los extranjeros, la llamada xenofobia, es la contraparte del nacionalismo. La relación entre los nacionales (nosotros) y los extranjeros (los otros) se complica cuando estos últimos residen en nuestro seno. Es decir, cuando los tenemos en casa como inmigrantes. De entrada sospechamos de ellos y les limitamos—sino es que de plano les negamos—sus derechos.

Ahora, traslademos todas estas reflexiones al ámbito del futbol. Al intentar explicar el fracaso de la selección mexicana, algunos comentaristas se han quejado del gran número de extranjeros que juegan en la liga azteca y de cómo esto le quita oportunidades a los locales.

Un argumento similar se lanza contra los llamados "naturalizados". Si juegan bien, les perdonamos su extranjería, pero si no, no sólo son malos futbolistas sino sospechosos, cuyas acciones hay

¿Xenofobia en todas partes?

Immanuel Wallerstein

Traducción: Ramón Vera Herrera

El diccionario define la xenofobia como el miedo, odio, rechazo o recelo hacia los extraños, extranjeros o gente de fuera, o hacia cualquiera cosa extraña o extranjera". Parece ser una plaga endémica en todas partes del mundo. Pero infecta a mayor número de personas sólo en ocasiones. Ésta es una de esas veces.

Pero ¿quién es extranjero? En el mundo moderno, parece que la lealtad más fuerte es aquélla que se brinda al Estado del cual es uno ciudadano. A esto se le llama nacionalismo o patriotismo. Sí, algunas personas ponen otras lealtades antes que el patriotismo, pero parece que están en minoría.

Por supuesto, hay muchas situaciones diferentes en las que la gente expresa sus sentimientos nacionalistas. En una situación colonial, el nacionalismo se expresa como la exigencia de

que poner bajo la lupa. Imagínense al pobre Guillermo Franco, argentino-mexicano que no sólo no jugó bien, sino que tuvo la mala fortuna de enfrentarse al equipo de su país natal. Hasta su esposa resulto agredida en palco de la Federación Mexicana de Futbol en el estadio Soccer City de Johannesburgo.

Y uno se pregunta qué hubiera pasado con Lucas Barrios, jugador argentino que juega para Paraguay, si hubiese fallado uno de los penales con los que la selección guaraní venció a Japón hace apenas unos días. ¡Lo hubieran deportado a Buenos Aires!

La xenofobia cuenta con un primo hermano más feo y que muchas veces se mantiene escondido: el racismo. Si el argumento nacionalista-xenófobo plantea que "nuestra" liga o "nuestra" selección nacional son para "nosotros" y no "para los otros", la xenofobia combinada con el racismo sugiere que los extranjeros no sólo son dignos de desconfianza sino gente inferior por sus características "raciales". ¿Por qué? Por que la idea de lo "nacional" siempre va acompañada de un imaginario "racial", tal y como decíamos en esta columna la semana pasada.

Fonte: http://www.vivelohoy.com/noticias/inmigracion/hy-la-0702-col-inmq-hdez-leon-20100702_0,7268532.story – 02.07.10

liberarse del poder colonial. Parece asumir formas similares en lo que algunos llaman una situación semicolonial, que es una en que el país es técnicamente soberano pero vive bajo la sombra de un Estado más fuerte, lo que lo hace sentir oprimido.

Luego está el nacionalismo del Estado fuerte, que se expresa como una afirmación de superioridad técnica y cultural, que sus proponentes sienten que les otorga el derecho de imponer sus puntos de vista y valores a estados más débiles.

Podemos aplaudir el nacionalismo de los oprimidos como algo valioso y progresista. Podemos condenar el nacionalismo opresivo de los fuertes como retrógrado y sin valor. Sin embargo hay una tercera situación en la que un nacionalismo xenófobo levanta la cabeza. Es aquella en que la

población de un Estado siente o teme que esté perdiendo fuerza, que de algún modo está en “decadencia”.

El sentimiento de decadencia nacional es inevitablemente exacerbado, en lo particular, en épocas de grandes dificultades económicas, como en las que se encuentra el mundo hoy día. Así que no es sorpresa que tal xenofobia haya comenzado a jugar un papel que crece en importancia, en la vida política de los estados, por todo el mundo.

Lo vemos en Estados Unidos, donde el llamado Partido del Té quiere “recuperar el país” para “restaurar America y... su honor”. En un mitin en Washington el 28 de agosto, el organizador, Glenn Beck, dijo: “Para ser honestos, conforme miro los problemas de nuestro país, pienso que el aliento caliente de la destrucción resopla en nuestro cuello. Para fijar la imagen políticamente, no es algo que yo vea en todas partes”.

En Japón, una nueva organización, el Zaitokukai, rodeó una escuela primaria coreana en Kyoto en diciembre pasado, exigiendo “expulsar a los bárbaros”. Su líder dice que modeló su organización según el Partido del Té, y comparte la sensación de que Japón sufre ahora una pérdida de respeto en el escenario mundial y que va en la dirección equivocada.

Europa, como sabemos, ha visto que en casi todos los países surgen partidos que buscan expulsar a los extranjeros y recuperar el país para las exclusivas manos de los llamados verdaderos ciudadanos, aunque dilucidar cuántas generaciones de linaje continuo se requieren para definir a un verdadero ciudadano sea una cuestión elusiva.

Tampoco está ausente el fenómeno en los países del sur –de América Latina a África y Asia. No tiene caso expresar todas las múltiples y repetidas instancias de cuándo o dónde alza su horrible cabeza la xenofobia. La cuestión real es qué hacer,

si es que algo se puede hacer, para contrarrestar sus perniciosas consecuencias.

Hay una escuela del pensamiento que esencialmente arguye que uno tiene que mediatizar las consignas, repetir las de manera diluida, y simplemente esperar el momento cíclico en que la xenofobia haya muerto porque mejoraron los tiempos económicos. Ésta es la línea de lo que se podrían llamar partidos de derecha y centro-derecha dentro del establishment.

Pero, ¿qué hay de los partidos de izquierda o centroizquierda? La mayoría, no todos, parecen cohibidos. Parecen temerosos de que de nuevo se les acuse de “antipatriotas”, o “cosmopolitas”, y se preocupan de que puedan ser barridos por la marea, aun si la marea amaina en el futuro. Así que hablan, débilmente, de valores universales y de “compromisos” prácticos. ¿Acaso esto los salvará? Algunas veces, pero con frecuencia no. Con frecuencia son barridos por la marea. Algunas veces, hasta se unen a la marea. La historia anterior de los partidos fascistas está repleta de muchos líderes de “izquierda” que se volvieron fascistas. Después de todo ésa es la historia del hombre que virtualmente inventó el término fascista –Benito Mussolini.

La voluntad de abrazar los valores igualitarios a plenitud, incluido el derecho que tiene toda clase de comunidades a ejercer su autonomía, en la estructura nacional política que acomoda la tolerancia de múltiples autonomías, es una posición políticamente difícil tanto de definir como de sostener. Pero es probablemente la única que ofrece alguna esperanza de largo plazo de que sobreviva la humanidad.

Fonte:

<http://www.jornada.unam.mx/2010/09/04/index.php?section=opinion&article=020a1mun> - 04.09.10

El pastor antiislámico se reafirma en la quema de coranes pese a la presión internacional

La Casa Blanca, los líderes religiosos de EE UU, la UE y el Papa critican la intolerancia religiosa y la "histeria antimusulmana" en vísperas del 11-S

El pastor protestante Terry Jones, fanático jefe de una Iglesia que cuenta con apenas 50 seguidores, ha logrado desencadenar un escándalo mundial al anunciar -e insistir en ello- que el próximo sábado, noveno aniversario de los ataques terroristas del 11-S, planea una quema masiva de copias del Corán que tiene en vilo al mundo islámico .

"Lo vamos a hacer, claro que sí", declaraba ayer Terry Jones, pastor que guía los pasos -y el odio contra los musulmanes- de un puñado de

feligreses en el progresista pueblo de Gainesville (Florida). La congregación de Jones no está adscrita a ninguna denominación religiosa concreta, aunque sigue la tradición pentecostal. El Dove Outreach Center -así se denomina la iglesia de Jones- era ignorado por los habitantes de la localidad que acoge la Universidad de Florida hasta que el reverendo comenzó su particular campaña propagandística contra el islam.

"Vamos a mandar un claro mensaje al islam", proclama Jones ahora al mundo. "No dejaremos que su terror nos controle, no seremos dominados", dice. "Creemos que ha llegado la hora de que América sea América". En una rueda de prensa celebrada frente a su iglesia, Jones indicó que, "como se pueden imaginar, hemos recibido muchas presiones dirigidas a que cancelemos el evento. Pero por el momento no tenemos intención de cancelarlo. No creemos que dar marcha atrás sea lo correcto".

El pastor, autor de un libro titulado *Islam is of the Devil* (El Islam es del Demonio), asegura que su iniciativa "también ha recibido apoyos" y defiende la quema del libro sagrado musulmán el próximo sábado como un evento "para llamar la atención respecto a algo que está mal". "Es tiempo de ponernos en pie y enfrentar el terrorismo", agregó.

Naciones Unidas, el Vaticano, la Casa Blanca, la Unión Europea y personalidades relevantes han pedido a Jones que cancele sus fanáticos planes con mayor o menor diplomacia. La secretaria de Estado norteamericana, Hillary Clinton, ha calificado de "vergonzoso" el proyecto de Jones. "Me reconforta saber que líderes religiosos de distintas creencias consideran el acto irrespetuoso", declaró Clinton.

Los principales líderes judíos, musulmanes y de la Iglesia católica de EE UU han condenado la "histeria antimusulmana" desatada en el país, informa Reuters, y el líder islámico local, Muhammad Musri, ha mantenido una entrevista con él en la que le ha pedido la cancelación del evento.

En un comunicado difundido la noche del martes, los responsables religiosos denuncian la "desinformación e intolerancia absoluta" contra los musulmanes. "Atacar alguna religión en EE UU es violentar la libertad religiosa de todos los estadounidenses". Para el fiscal general del Estado, Eric Holder, la hoguera es simplemente el recurso de "un idiota", aunque no por ello deja de ser "peligroso".

Jones asegura haber recibido más de 100 amenazas de muerte desde que inició la campaña que denominó: "Día Internacional de la Quema del Corán". Debido a ello, el pastor de alargada figura y frondosos bigotes, de 58 años, ha decidido armarse con una pistola del calibre 40 que lleva bien pegada a su cadera en una cartuchera.

"Tenemos que mandar un mensaje claro a los islamistas radicales", declaró el reverendo esta semana frente a las cámaras de televisión, con un letrero a sus espaldas -que da la bienvenida a su iglesia- que rezaba "El islam es del demonio". "¿Cuánto más vamos a aguantar? ¿Cuánto podemos retroceder? ¿Cuántas veces más

haremos concesiones?", dijo Jones a la agencia Associated Press. "En lugar de dar marcha atrás, tal vez ha llegado la hora de levantarse. Quizá es hora de enviar un mensaje al islamismo radical de que no vamos a tolerar su comportamiento", agregaba Jones.

Su comunión con la protesta radical no es nueva y data de mucho antes de los atentados de Nueva York, Washington y Pensilvania. Durante más de 30 años, Jones dirigió una parroquia con unos 1.000 fieles en un barrio pobre de Colonia (Alemania) -labor que combinaba con un negocio fracasado de venta de muebles usados en el portal de Internet eBay, cachivaches que ahora almacena en la Iglesia-. Pero el cada vez mayor número de inmigrantes turcos que llegaban a la ciudad -y que precisamente no comulgaban con las ideas xenófobas y antimusulmanas del pastor- o quizá las veladas acusaciones -confirmadas por Emma Jones, hija de su primer matrimonio- de que el reverendo usaba los fondos de la iglesia para sus gastos personales hicieron que el pastor emigrara a Florida en 2008.

La particular hoguera de Jones está protegida por la Primera Enmienda de la Constitución Americana. Jones es libre de decir y hacer lo que quiera. Hasta el momento, la única cortapisa que enfrenta su enloquecida propaganda es que el Departamento de Bomberos de Gainesville le ha denegado el permiso para realizar la fogata. Pero violar la ordenanza municipal sólo le acarreará una multa que con seguridad pagará con gusto.

Para contrarrestar la jornada de fuego contra el Corán de Jones, el alcalde de la ciudad, Craig Lowe, ha declarado que el sábado será considerado en Gainesville como "Día de la Solidaridad Interreligiosa".

Lowe ha sido en el pasado reciente objetivo de los desvaríos del pastor. A comienzos de este año, el líder religioso inició una campaña contra el político que aspiraba a la alcaldía por su declarada homosexualidad. "No queremos un alcalde homo", rezaba una pancarta a la entrada de su minoritaria Iglesia. Lowe es hoy el primer alcalde de la ciudad de Gainesville que reconoce ser gay.

El Vaticano tachó ayer la iniciativa de Jones de "ultraje a un libro considerado sagrado", un gesto "grave y escandaloso". El Consejo Pontificio para el Diálogo Inter-Religioso emitió una nota en que se recuerda que todos los responsables religiosos "están llamados a renovar la firme condena de cada forma de violencia, en particular aquella llevada a cabo en nombre de la religión".

Europa también ha censurado los planes del pastor de Florida. La Alta Representante de la Política Exterior de la UE, Catherine Ashton, abogó por el "respeto de todas las creencias religiosas". Por su

parte, el secretario general de la ONU, Ban Ki-moon ha condenado los planes de la Iglesia de Florida que "contradicen los esfuerzos de numerosas personas en el mundo para fomentar la tolerancia, la comprensión y el respeto entre las religiones".

"Xenofobia llega a punto de ebullición"

Kim Cloete

Ciudad Del Cabo - "La xenofobia es parte de la vida diaria. No la pasamos fácil aquí. Sólo sobrevivimos", dijo el comerciante somalí Abdinasir Shaikh Aden, algo tenso.

Su pequeño comercio se encuentra entre dos grandes negocios en una calle de esta ciudad. Aunque los ataques y las amenazas xenófobas que resurgieron durante la Copa Mundial de Fútbol en junio y julio han disminuido, los somalíes siguen en guardia.

Aden fue amenazado de muerte durante el torneo. Lo sacaron de su pequeña tienda de comestibles y le dijeron que los extranjeros no tendrían futuro en Sudáfrica cuando se fueran todos los turistas.

El miedo llevó a cientos de extranjeros radicados en este país, en especial zimbabwenses, a tomar sus pertenencias y dirigirse a la frontera.

Irse parecía la mejor opción, sobre todo teniendo aún en la memoria la ola de ataques xenófobos de mayo de 2008, que causaron la muerte de 66 extranjeros y el desplazamiento de otros 6.000.

En la provincia del Cabo Occidental se registraron 55 incidentes de xenofobia entre mayo y julio, derivando en 40 arrestos.

Miranda Madikane, directora del Centro Scalabrini de asistencia a inmigrantes, señaló que 68 por ciento de los extranjeros que ha consultado recibieron amenazas poco antes de la Copa Mundial.

"La policía, el gobierno y la sociedad civil se encontraban en alerta máxima. Todo estaba listo para responder, y eso sirvió para sofocar las llamas", dijo.

Organizaciones no gubernamentales, la policía y los propios extranjeros dijeron que las amenazas se disiparon y la vida retornó a una tensa calma.

La semana pasada, la policía dijo a IPS que no había recibido ninguna denuncia de xenofobia recientemente, pero que seguía buscando a los que habían intimidado a extranjeros en los meses anteriores. Los uniformados trabajan con la sociedad civil y residentes.

Fonte:

http://www.elpais.com/articulo/internacional/pastor/antiislamico/reafirm/a/quema/coranes/pese/presion/internacional/elpepuintusa/20100909elpepuint_6/Tes - 09.09.10

La policía "apunta a este enfoque de colaboración. Si aparece alguna actividad criminal, actuaremos en forma decisiva", dijo a IPS el director de comunicaciones de los Servicios Policiales Sudafricanos, Zweli Mnisi.

"Necesitamos estar en alerta máxima porque la amenaza de ataques está llegando a su punto de ebullición", señaló Madikane.

La combinación de las dificultades económicas con la falta de trabajo es peligrosa para los inmigrantes. La recesión y el creciente desempleo en Sudáfrica están agravando la presión en las comunidades pobres.

El Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados (Acnur) señaló que unas 357.000 personas tienen estatus de solicitantes de asilo o de refugiados en este país. Pero no hay estadísticas oficiales de las que se estima son varios millones de personas que llegaron a Sudáfrica en busca de empleo.

"Hay muchos indocumentados por ahí. Los sudafricanos tienen derecho a estar molestos. Hay una sobrepoblación. El gobierno necesita presentar todo un nuevo sistema para lidiar" con ese problema", sostuvo Madikane.

Para personas como Liliane Mukangwa, quien se instaló hace ocho años en Sudáfrica con su esposo y cinco hijos, volver a la República Democrática del Congo no es una opción.

"Es difícil para nosotros que no tenemos a dónde ir. No queremos regresar a casa. Es demasiado peligroso allí", dijo. Mukangwa vende curiosidades y tejidos especialmente para turistas en la Greenmarket Square de Ciudad del Cabo.

Mukangwa señaló que los extranjeros todavía sufren la presión. "La vida es difícil aquí. Los sudafricanos nos dicen que venimos a sacarles las esposas, los esposos, sus empleos", contó.

Ella comparte espacio con otros sudafricanos en el mercado, pero cuando vuelve a su casa se asegura de hacerlo a la luz del día acompañada de familiares u otros amigos congoleños. Tiene miedo de viajar sola en el transporte público. "Por lo general hay tensión en los trenes".

Sin embargo, en asentamientos informales como el de Masiphumelele, en las afueras del suburbio Hout Bay, sudafricanos y extranjeros trabajan por la paz. La comunidad recibió un importante premio por frenar las tensiones hace unos años.

El reverendo Mzuvukile Nikelo, de Masiphumelele, contó que muchos extranjeros inundaron el asentamiento cuando vieron que era seguro.

Nikelo calcula que alrededor de 20 por ciento de la comunidad, unas 40.000 personas, son inmigrantes.

A pesar de las dificultades, impulsa iniciativas para estimular la unidad. Su Movimiento de Cohesión Social logró atraer personas de diferentes nacionalidades a actividades deportivas, musicales y religiosas.

También promueve un programa para que comerciantes somalíes capaciten a potenciales empresarios locales.

La superpoblación en las áreas económicamente más afectadas supone un riesgo.

No obstante, algunas personas con las que habló IPS en el centro de la ciudad dijeron que sus vidas continuaban normalmente.

Mohammed Ahmed, vendedor de dulces, chocolates y cigarros en un negocio cerca de la sede del parlamento, dijo que los clientes son amables y no ha tenido problemas.

Mientras, su colega somalí, Aden, apeló a la solidaridad de los sudafricanos: "Recíbannos como hermanos".

Fonte: <http://www.ipsnoticias.net/nota.asp?idnews=96334> – 01.09.10

El chivo expiatorio

En Francia la crispación identitaria, manifestada ahora con la expulsión de los gitanos, viene de arriba. Está orquestada por las campañas sobre la identidad nacional de un Gobierno obsesionado por la reelección

Y pondrá Aarón sus dos manos sobre la cabeza del macho cabrío vivo, y confesará sobre él todas las iniquidades de los hijos de Israel, todas sus rebeliones y todos sus pecados". Levítico 16:21

De los 500 millones de ciudadanos europeos, aproximadamente 10 millones son gitanos

El chivo expiatorio, por supuesto, y no en teoría, sino en la práctica. La teoría ha sido muy útil: fueron chivos los judíos en la Alemania de la crisis económica del 29; también el dictador demonizado Sadam Husein y su pueblo tras el 11 de septiembre, una "página pasada" hoy con 100.000 muertos. La receta es tan estúpida que es asombroso que todavía funcione.

La explicación económico-filosófica de las indecentes medidas de expulsión del pueblo romaní en Francia y otros países europeos, llámense gitanos, tsiganes o gypsies, es compleja pero fácil de digerir. Mientras las riquezas mundiales sigan tan mal repartidas como en la actualidad, la inmigración será una realidad. Y la designación de los inmigrantes como chivos expiatorios "criminalizados" es el último instrumento para proteger la cohesión nacional cuando se hunden los sistemas de valores tradicionales.

En Francia, todo comenzó en julio de 2010 cerca de Orleáns. Unos franceses de la comunidad gitana saquearon una gendarmería e hirieron a los agentes después de que muriera en un tiroteo uno de los suyos. El jefe del Estado respondió

ordenando la expulsión inmediata de varios miles de rumanos de la comunidad gitana a su país. Muchos aceptaron el viaje y los 400 euros que les ofrecían, porque saben que pueden volver dentro de unos meses, con Rumania dentro del espacio Schengen de libre circulación. Pero la campaña contra ellos se extendió a las "personas itinerantes". Una andanada de afirmaciones e intenciones discriminatorias y racistas fue difundida por los ministros Hortefeux y Besson, así como por el presidente Sarkozy. Se habla de "desnaturalizar" a las personas de origen extranjero. Se anuncia la revocación de la nacionalidad francesa para personas "naturalizadas" o para personas nacidas en Francia de padres de origen extranjero, además de otras medidas delirantes que exigen a los franceses nacidos en el extranjero, o de padres franceses nacidos en el extranjero, que ofrezcan "pruebas" de su nacionalidad francesa para la simple renovación de su documento de identidad.

Las reacciones en el extranjero son conocidas. The New York Times titula "Xenofobia: expulsar al no francés". The Times evoca a la Gestapo. The Wall Street Journal habla de "maniobra populista". Para el Süddeutsche Zeitung, "Nicolas Sarkozy multiplica los gestos", cosa que es cierta. La Stampa teme la llegada de los gitanos procedentes de Francia a Turín... El diario búlgaro Sepa evoca la "deportación oficial más masiva de Europa desde la II Guerra Mundial", pese a que Bulgaria es más responsable que cualquier otro país de la dramática situación de sus gitanos, rumanos o no.

Y artículos que recuerdan sin matices ni efemérides que lo justifiquen la redada del Vel d'Hiv de julio de 1942. Pero también reacciones acertadas en el tono y el contenido como la del Devoir de Quebec, para el que "esta escalada contra los inmigrantes, gitanos y otros marginales se contradice con la trilogía republicana -libertad, igualdad, fraternidad- y con el artículo 1 de la Constitución, que garantiza la igualdad ante la ley de todos los ciudadanos, sin distinción de origen, raza ni religión".

Ante esta demostración de buena conciencia internacional, las reacciones francesas han pasado inadvertidas. Sin embargo, el 18 de agosto el editorial de *Le Monde* condenaba con más firmeza que de costumbre la política "cínica de un jefe de Estado que parece querer, ante todo, asegurarse la victoria en 2012. El presidente construye ese mismo muro. El de los prejuicios, los estereotipos, los enemigos interiores. Con su brutalidad física y verbal, el poder cierra la puerta a toda reflexión inteligente".

Después llegaron las de algunos socialistas y miembros de la mayoría presidencial. Y personalidades como Daniel Castagne, vicepresidente del Tribunal de Primera Instancia de Nantes, que, obligado a ordenar la evacuación de un campamento ilegal de gitanos, denuncia "en nombre del pueblo francés", "las carencias del Estado". "Los Rom no se mueven dentro de nuestros códigos rígidos pero tienen derecho a una vivienda, una escuela y un médico", dice la actriz francesa Fanny Ardant en nombre de la asociación Dosta de Lucha contra los prejuicios y los estereotipos sobre los gitanos. Y ahora la campaña "Contra la xenofobia de Estado", lanzada por 130 organizaciones con el apoyo de partidos, sindicatos y de la Unión Romaní y su presidente, Juan de Dios Ramírez-Heredia, con un llamamiento a "organizar acciones de solidaridad y manifestaciones también en el extranjero, ante las embajadas"; la primera se llevó a cabo el 4 de septiembre en la Place de la République en París y en varias ciudades.

Ahora bien, la política incalificable del Gobierno francés no impide ver lo que ocurre en otros lugares. Según los datos del diario *Le Figaro*, de los 500 millones de ciudadanos europeos, aproximadamente 10 millones son "gitanos". En 2008, Italia empezó a fichar a los habitantes de los campamentos de nómadas y a tomarles las huellas digitales. En Alemania, existe la orden de expulsar "por etapas" a unos 10.000 romaníes sin permiso de residencia. En el Reino Unido, se proyecta la creación de una nueva figura delictiva que permitiría a los policías detener a quienes se nieguen a expulsar de sus tierras a los 200.000

gypsies que las ocupan de forma ilegal. El Tribunal Europeo de Derechos Humanos ha condenado a la República Checa por matricular obligatoriamente a los niños gitanos en escuelas especiales para discapacitados mentales. Pese a las ayudas sociales de la UE, en 2008 la ONU reclamó a Atenas que tomara "medidas urgentes" para mejorar la "desesperada" situación de los gitanos. En Suecia, los gitanos son una minoría reconocida, pero el 80% de los adultos están en paro y la mayoría de los niños no acaba la educación primaria. España es el país que sale mejor parado: el Plan de Acción para el Desarrollo de la Población Gitana 2010-2012, con un presupuesto de 107 millones de euros a lo largo de tres años, prevé acciones en materia de "educación, sanidad y vivienda, así como a favor de las mujeres" para los 800.000 gitanos que viven en el país.

En cuanto a Francia, tal vez enferma de identidad pero, sobre todo, de un Gobierno maniqueo y obsesionado por la reelección, sigue siendo, con todo, "el país de Europa con más budistas, judíos y sobre todo musulmanes, ateos y agnósticos", escribe el historiador y politólogo Patrick Weil. El país en el que la adhesión al principio de laicidad es más elevado y el sentimiento de pertenencia a una misma nación más fuerte que en ningún otro lugar de Europa, según el Pew Research Center. "En el Reino Unido, solo el 7% de los musulmanes se sienten británicos por encima de todo, mientras que en Francia son un 42% los que se sienten sobre todo franceses, incluso sin serlo oficialmente". Es también, según un sondeo de *The Financial Times-Louis Harris*, el único país de Europa en el que la mayoría de los musulmanes (74%) tiene una opinión favorable de los judíos y el único en el que la mayoría de la población (69%) dice tener uno o varios amigos musulmanes, frente al 38% de los británicos y el 28% de los estadounidenses.

¿Se trata, pues, de un fracaso total de la integración a la francesa? De ninguna manera, aunque quede mucho por hacer, sobre todo respecto a los jóvenes desempleados y sin educación de las banlieues. Nos encontramos, más bien, ante la fabricación de un chivo expiatorio. "Desde 2007, las decisiones tomadas por las máximas instancias del Estado enturbian todo y agudizan las tensiones", escribe Patrick Weil. La crispación identitaria viene de arriba, orquestada por las campañas sin justificación alguna sobre la identidad nacional o por la creación del Ministerio de Inmigración, todo ello salpicado de pequeñas expresiones discriminatorias e incluso racistas por parte de quienes deberían dar ejemplo y no evocar los fantasmas de otras épocas.

"¡Pensémoslo! Aquel a quien se castiga no es quien ha cometido el delito. Es siempre el chivo expiatorio". Friedrich Nietzsche.

Fonte:

http://www.elpais.com/articulo/opinion/chivo/expiatorio/elpepiopi/20100908elpepiopi_13/Tes - 08.09.2010

"Los partidos no deben caer en la trampa del populismo xenófobo"

El Movimiento contra la Intolerancia alerta de la "nueva ultraderecha", con formaciones como Plataforma Per Catalunya

Naiara Galarraga

El debate sobre la necesidad, o no, de prohibir el burka que se extiende por Cataluña es para el Movimiento contra la Intolerancia un buen ejemplo de cómo la nueva ultraderecha española, que incluye a la Plataforma Per Catalunya, ha logrado engatusar al resto de los partidos. Un dato a tener en cuenta es que Cataluña celebrará elecciones autonómicas en otoño. "Pido a los partidos democráticos sensibilidad, que sean cautos, que no se dejen arrastrar, que no caigan en la trampa del populismo xenófobo", ha declarado el presidente de la ONG, Esteban Ibarra, al presentar su informe sobre el racismo y la xenofobia en España en 2009. "Es un debate artificial en el que no puedo ver más que interés electoral de grupos que se incluyen en esa estrategia europea de islamofobia", ha añadido.

El defensor del Pueblo, Enrique Múgica, sin embargo, presente en el acto celebrado en la sede del organismo que encabeza, ha reiterado su propuesta de que el burka y el niqab sean regulados a nivel nacional "por motivos de seguridad e igualdad [de las mujeres] y con el acuerdo de las comunidades islámicas".

Xenofobia contra centroamericanos

En México los acusan de ser pandilleros y algunas autoridades hasta les atribuyen llevar todo tipo de enfermedades

Unos los consideran responsables de llevar enfermedades como el sida, otros los ven como pandilleros: la xenofobia persigue a muchos emigrantes centroamericanos que cruzan México tratando de llegar a Estados Unidos en busca del "sueño americano".

A diario cientos de emigrantes del istmo se internan en México en su desesperado intento de llegar a Estados Unidos, una travesía que a muchos les puede costar ser víctimas de asaltos, secuestros o violación, pero también puede costarles la vida a manos de bandas vinculadas con cárteles de la droga.

El Movimiento contra la Intolerancia contabilizó 292 casos de racismo, xenofobia o lo que denomina "incidentes de odio" el año pasado. Los más graves, seis homicidios tras los que la ONG sospecha que había odio a la diferencia. Las víctimas son un argelino (Bernabá Laaredj), un menor francés, una transexual colombiana, un rumano (Gigi Musat), un marroquí (J. I.) y otro hombre de origen magrebí. También hubo 80 casos de violencia neonazi; 68, de racismo y xenofobia neofascista; 36, de homofobia; 10, de islamofobia; cinco, de antisemitismo, etcétera. La Comunidad Valenciana es, de nuevo, la autonomía donde más sucesos hubo.

A esta ONG le preocupa especialmente cómo el discurso "los españoles, primero" (y después los inmigrantes) está calando en estos tiempos de crisis económica. Y cómo está surgiendo en España una "nueva ultraderecha" animada, según Esteban Ibarra, por los triunfos electorales de la extrema derecha en otros países europeos.

Fonte:

http://www.elpais.com/articulo/sociedad/partidos/deben/caer/trampa/populismo/xenofobo/elpepusoc/20100622elpepusoc_7/Tes - 22.06.2010

Así ocurrió con 72 emigrantes de distintos países de Centro y Sudamérica, que fueron masacrados en una hacienda de Tamaulipas, presuntamente por miembros de Los Zetas, grupo vinculado al narcotráfico.

El procurador de Justicia del estado mexicano de Veracruz, Salvador Mikel, tiene claro que los emigrantes, en especial los centroamericanos, son víctimas de una especie de "xenofobia" en algunas zonas de México.

"No se puede generalizar que todos los migrantes son delincuentes, es un error pensar así, eso es xenofóbico", dijo Mikel a la AFP, tras recordar que

“se trata de hacer respetar los derechos humanos de esos migrantes”.

“No deberían entrar a México”

En Acayucan, una ciudad de paso para muchos migrantes indocumentados, el taxista Rogelio Esquivel tiene su propia visión de los emigrantes ilegales, a quienes considera que “no se debería dejar entrar a México”.

“Es que mire, ellos (los emigrantes) cogen los trabajos que nos corresponden a nosotros, además muchos son de esa pandilla de la ‘Salvatrucha’ y ya estamos jodidos (arruinados) con nuestros propios problemas para que nos caigan más, para mí que los deberían sacar del país a todos”, señaló Esquivel a la AFP.

La semana pasada, en un intento por conocer “de primera mano” los riesgos que sortean los emigrantes en territorio mexicano, el canciller salvadoreño Hugo Martínez y el vicescanciller para los Salvadoreños en el Exterior, Juan José García, recorrieron parte de las rutas que son utilizadas.

Los funcionarios salvadoreños recorrieron parte de la denominada Ruta del Golfo, entre los estados de Chiapas y Veracruz.

“Pareciera que hay como xenofobia en contra de los migrantes y los quieren ver como delincuentes o miembros de pandillas, por eso como El Salvador estamos abriendo más consulados en ciudades como Acayucan, junto a Guatemala, para velar porque se respete los derechos humanos de

los migrantes salvadoreños”, dijo a la AFP el vicescanciller García.

Autoridades les atribuyen pestes

En Tierra Blanca, un pequeño poblado en Veracruz, su alcalde José Alfredo Medina declaró a la prensa local que “los migrantes ponen en riesgo la salud de la gente de Tierra Blanca, porque además de agredir a la población, portan enfermedades como el sida, dengue y paludismo”.

Por Tierra Blanca cruza el llamado “tren de la muerte” que abordan corriendo cientos de migrantes que desean avanzar en su recorrido por México, pero es también un lugar donde muchos de ellos son secuestrados a diario por bandas criminales.

“Son lamentables e inoportunas las declaraciones de funcionarios como las del alcalde de Tierra Blanca, no abonan en nada en garantizar el respeto a los derechos de los migrantes”, señaló el canciller salvadoreño Martínez.

Miles lo intentan año con año

Más de cuatro millones de centroamericanos han migrado a Estados Unidos y decenas de miles intentan llegar a ese país cada año, exponiéndose en la trayectoria a diferentes tipos de abusos e incluso a la muerte, según la Organización Internacional para las Migraciones (OIM).

Fonte: <http://www.laprensa.com.ni/2010/08/29/internacionales/36113>
- 29.08.2010

Prossimi numeri della Rassegna MIGRAZIONI NELL'ATTUALITÀ:

- Dicembre 2010 – Migrazioni forzate: Rifugiati

Próximos números da Resenha MIGRAÇÕES NA ATUALIDADE:

- Dezembro 2010 – Migrações forçadas: Refugiados

Next up dates our MIGRATION REVIEW:

- December 2010 – Forced migration: Refugees

Próximos números de la Reseña MIGRACIONES EN LA ACTUALIDAD:

- Diciembre 2010 – Migraciones forzadas: Refugiados

Títulos da Resenha Migrações na Atualidade

1. BRASIGUAIOS
2. EMIGRAR - Opção ou necessidade
3. OS EXPULSOS DA TERRA
4. MIGRAÇÕES E TRABALHO
5. LEIS E MIGRAÇÃO
6. MIGRAÇÕES NORDESTINAS
7. JOVENS MIGRANTES
8. MIGRAÇÕES INTERNAS: Aspectos vários
9. DESEMPREGO
10. VÍTIMAS DO RACISMO
11. MORADIA: Direito de todos
12. FAVELAS: Migração da dignidade humana
13. FOME E MISÉRIA
14. LATINO - AMERICANOS EM MIGRAÇÃO
15. A FAMÍLIA
16. TRABALHO ESCRAVO
17. SOS: Pequenos sem lar
18. REFUGIADOS
19. EXCLUÍDOS - Um clamor à justiça e a solidariedade
20. MULHER MIGRANTE - Solidariedade e acolhida
21. SEM – TERRAS
22. DIREITOS HUMANOS - Violação e defesa
23. TERRA E MIGRAÇÃO
24. MIGRANTES EM SITUAÇÃO IRREGULAR
25. CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRABALHO
26. CF /97 E AS MIGRAÇÕES
27. MIGRANTES E AS RELAÇÕES DE TRABALHO
28. VIOLÊNCIA CONTRA MIGRANTES.
29. PELA DIGNIDADE DO MIGRANTE
30. DESEMPREGO EM ALTA
31. EDUCAR É PRECISO
32. SECA AUMENTA O VAIVÉM DE MIGRANTES
33. ANISTIA A ESTRANGEIROS EM SITUAÇÃO ILEGAL
34. SEM TRABALHO ... por quê?
35. DESAFIOS DA MIGRAÇÃO frente ao novo milênio
36. O MIGRANTE É VÍTIMA !...
37. REFUGIADOS: desafio à solidariedade
38. DIGNIDADE HUMANA E PAZ - CF/2000
39. XENOFOBIA
40. TRÁFICO HUMANO - a escravidão moderna
41. CRIANÇAS E ADOLESCENTES na armadilha da globalização
42. DROGAS, uma ameaça à VIDA.
43. MULHERES: Protagonistas ou excluídas?
44. MIGRANTES e Conflitos armados
45. RETRATO SOCIAL dos MIGRANTES.
46. POVOS INDÍGENAS, resgate de uma civilização.
47. ALIMENTAÇÃO é um direito humano. Por que tanta fome?
48. IMIGRANTE: rejeitado, mas indispensável!
49. ÁGUA: fonte de segurança alimentar.
50. PESSOAS IDOSAS: dignidade e esperança.
51. A MERCANTILIZAÇÃO DO SER HUMANO
52. EMIGRAÇÃO: As lutas de brasileiros e brasileiras no exterior.
53. DISCRIMINAÇÕES: o ser humano ferido.
54. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: rumos e desafios.
55. MIGRAÇÕES: culturas e integração.
56. REFUGIADOS: novos desafios na conjuntura atual.
57. TRÁFICO DE SERES HUMANOS: negação da dignidade.
58. MIGRAÇÕES: leis insuficientes e políticas migratórias discriminatórias.
59. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO.
60. XENOFOBIA: o migrante como ameaça. Por quê?
61. RELIGIÕES: força e fragilidade dos migrantes
62. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: novos fluxos e políticas seletivas
63. POBREZA produz migração. Migração contrasta a pobreza?
64. CAMINHOS E DESCAMINHOS DA INTEGRAÇÃO
65. POVOS EM FUGA: os/as deslocados/as
66. CRIMINALIZAÇÃO DOS MIGRANTES E VIOLÊNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO: desafios
67. MIGRAÇÕES E TRABALHO: valorizar a contribuição e erradicar a exploração
68. MIGRAÇÕES E CULTURA: como superar a discriminação?
69. MIGRAÇÕES E REFÚGIO: a ambiguidade das estratégias de proteção
70. LEIS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS: direito a ter direitos:
71. MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO: qual o papel das remessas?
72. O PAPEL PROFÉTICO DAS RELIGIÕES junto aos migrantes
73. TRÁFICO DE PESSOAS: quais são as estratégias de combate?
74. CIDADE: lugar de encontro ou exclusão?
75. SER MIGRANTE EM TEMPOS DE CRISE
76. ENTRE ASSIMILAÇÃO e INTEGRAÇÃO
77. MUDANÇAS CLIMÁTICAS e REFUGIADOS AMBIENTAIS
78. AS MIGRAÇÕES GERAM VIOLÊNCIA OU REAÇÕES VIOLENTAS?
79. TRABALHADORES MIGRANTES: indispensáveis, mas sem direitos
80. XENOFOBIA: a nova face da exclusão